A LIAHONA

JULHO 1968





Mensagem de

Delbert L. Stapley

do Conselho dos Doze

Em sua infinita sabedoria e preocupação pelos destinos da humanidade, Jesus descerrou-nos uma visão na qual contemplamos de relance o lar celestial e as mansões que são preparadas para habitarmos. Cada um de nós está inexoràvelmente construindo um lar eterno, a mansão que ocuparemos em nossa vida futura.

Vale a pena envidarmos todos os esforços para obter o grau mais elevado de glória — prometido apenas aos fiéis. Não nos faltam ensinamentos divinos sôbre a forma de alcançar êsse estado glorificado.

A pessoa verdadeiramente espiritual é a que encontra alegria, felicidade e verdadeiro propósito nas coisas de Deus, como a oração, humildade, dedicação abnegada aos outros, bondade, virtude, castidade, obediência à vontade de Deus e a suas leis, amor não fingido, nobreza de alma, respeito pelo que é sagrado e santo — em suma, todos os atributos que Deus quer que adquiramos e exerçamos na mortalidade. Talvez não cheguemos a conhecer todos êles em nossa breve existência mortal, mas a prática dos que estiverem ao nosso alcance ajudar-nos-á a edificar sàbiamente a estrutura que servirá de alicerce à vida eterna.

Neste Número

Mensagem de Inspiração. Delbert L. Stapley	2
Sermões em Duas Palavras. David O. McKay	3
O tempo dos Lamanitas. Lynn M. Roundy	5
Monumento às Gaivotas	11
Sôbre o Respeito. John H, Vanderberg	12
O Propósito Glorioso da Mulher. Harold B. Lee	14
Seção das Crianças	17
Examine as Escrituras. Lowell L. Bennion	21
Estela 5: A Pedra de Lehi. Richard O. Cowan	23
Tragédia ou Destino? Spencer W. Kimball	24
Antes e Depois. Florence S. Jacobsen	28
Um Filho de Deus. Genealogia	30
Editorial. Thomas F. Jensen	32
A Partir de Cumorah — XXV. Hugh Nibley	33
Conferência dos Jovens no Sul. F. Máximo	35
Calor Interno. Sterling W. Sill	36

Capa

Foto de Konrad Baer, Ulm, Alemanha.

Vol. 2 - Julho de 1968 - Número 7

A LIAHONA

Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editor
Hélio da Rocha Camargo
Redator
F. Máximo

Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675

Estaca São Paulo
R. Iguatemi, 1980
São Paulo, SP

Missão Brasileira
R. Henrique Monteiro, 215, São Paulo
SP, CP 862, Tel. 80-4638

Missão Brasileira do Sul
R. Gen. Carneiro, 490, Curitiba, Pr.
CP 778, Tel. 4-8016

Missão de Construção
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 33-6761

"A LIAHONA" — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguêsa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4.857 de 9-11-1930. Composto por Interlinograf, R. dos Andradas, 127. Fotolitos: Lastri S/A, R. da Independência, 362/382. Impresso nas oficinas da **Litográfica Comercial.**

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e do "staff" internacional do "Unified Magazine".

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser dirigida ao: *Departamento de Assinaturas*, Caixa Postal 19079. Assinatura anual para o Brasil: NCr$ 5,00; para o Exterior, simples: US$ 3,00; para o Exterior, via aérea: US$ 7,00. Preço do Exemplar avulso em nossa Agência: NCr$ 0,50; exemplar atrasado NCr$ 0,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.

Importante
Tôda a correspondência deve ser endereçada a
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
Caixa Postal 19079, São Paulo, SP



Presidente David O. McKay

Sermões em Duas Palavras

Se deseja alcançar sucesso máximo e o maior dos contentamentos, pratique na vida diária os ideais do Evangelho de Jesus Cristo.

Seja qual fôr a profissão que escolheu, faça o possível por ser excelente nela.

O que um homem realmente crê no fundo do coração é aquilo em que pensa. é aquilo em que realmente pensa é o que pratica.

Os homens nunca se excedem a seus ideais. Muitas vêzes ficam aquém dêles, mas ultrapassá-los, nunca.

De todo o coração lhes digo que o valor pessoal, a alegria, o prazer e a felicidade da vida advêm de se seguir a admoestação de Cristo — buscar primeiramente o seu reino.

Quando as pessoas que se denominam cristãs engajarem-se ativamente na obra liderada por aquêle a quem chamam Rei do mundo; quando aceitarem como fato e não como teorias seus ensinamentos morais e espirituais; quando substituirem o egoísmo pela bondade e dedicação aos outros; quando defenderem enèrgicamente os princípios da verdadeira liberdade, então poderemos começar a ter esperança de que o mal seja abolido, a retidão entronizada nos corações humanos e as relações honestas passem a vigorar na sociedade. Então, e nunca antes disso, os reinos dêste mundo tornar-se-ão o reino de nosso Deus.

É verdade que a preservação pessoal é a primeira lei da natureza, mas não é a do crescimento espiritual. Aquêle que deixa o egoísmo e as paixões dominarem-no

submete sua alma à servidão, mas o que, na majestade da fôrça espiritual, emprega sua capacidade física, aspirações e meios para servir a propósitos maiores que a satisfação e o confôrto pessoal, dá o primeiro passo em direção a uma vida feliz e profícua.

Verdadeiramente, é chegada a hora em que os homens necessitam, talvez mais que nunca, reunir-se em conselho e, com sabedoria, determinar o modo de transformar esta terra num lugar melhor para se viver.

Uma fé operante, sincera, nos ensinamentos básicos de Jesus de Nazaré é a maior necessidade do mundo. E como muitos rejeitam essa verdade, há maior razão para que os crentes sinceros a proclamem.

O homem necessita de uma rededicação aos princípios do altruísmo. Nenhuma paz ou liberdade poderá advir ao mundo se os homens viverem apenas para si mesmos.

A obediência a Cristo e suas leis traz vida, e vida eterna.

Não podemos crer sinceramente que somos filhos de Deus e que Êle existe, sem crer também no triunfo final e inevitável da verdade, conforme prega o Evangelho de Jesus Cristo.

Se quiserem viver de acôrdo com os princípios da humildade, dentro dos convênios que fizeram nas águas do batismo e, depois dêle, nas reuniões sacramentais, e que muitos de vocês fizeram na Casa de Deus, realizarão uma nobre missão e Deus os recompensará.

A missão da Igreja é proclamar a verdade do Evangelho restaurado e elevar a sociedade, a fim de que o povo possa viver de forma mais amistosa; e criar nas comunidades um ambiente sadio em que nossos filhos possam encontrar fôrça para resistir à tentação e estímulo para lutar pelas conquistas culturais e espirituais.

O Evangelho restaurado é uma filosofia racional que ensina o homem a alcançar felicidade nesta vida e na futura.

Deus nos ajude a atender condignamente a nossas responsabilidades e chamados, especialmente o encargo que temos como pais dos filhos de Sião — tesouros celestes confiados à nossa guarda.

Ninguém jamais desenvolve seu caráter indulgenciando no mal. A fôrça advém da resistência!

A lei da natureza é a sobrevivência do mais forte, a de Deus é: Empregue sua capacidade e meios para promover o progresso e a felicidade de outros.

Para os membros da Igreja restaurada o matrimônio é uma ordenança divina e, quando orientado para a paternidade inteligente, o mais seguro e garantido dos meios de aperfeiçoamento da humanidade. O casamento não é uma cerimônia que se receba levianamente ou que se extinga a nosso bel-prazer, nem uma união para ser dissolvida à primeira dificuldade.

A habilidade de preservar o lar em sua pureza e valor encontra-se na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Deus deve ser o centro de nossa vida e da vida de todos no mundo.

Nenhum ambiente externo poder por si só produzir um caráter viril. As virtudes da vida brotam do íntimo.

Pensamentos e sentimentos retos, se mantidos com persistência em primeiro plano, levam inevitàvelmente aos bons atos.

O rapaz melhor aparentado e a moça mais bela podem empanar sua beleza com um gênio taciturno e mal disposto ou nutrindo a insatisfação na alma.

O Tempo dos Lamanitas

Lynn M. Roundy

A história dos índios de San Blas e a Igreja remonta já há quase uma década. O primeiro contato com o povo de San Blas, os cunas, ocorreu nos quartéis das Fôrças Armadas dos Estados Unidos, na Zona do Canal de Panamá. Os índios são lá empregados como cozinheiros e em afazeres de limpeza. Nesses quartéis os missionários encontraram centenas de rapazes, de quinze anos ou mais, que pareciam possuir um interêsse natural pela Igreja. Muitos foram doutrinados e batizados e manifestaram o desejo de que o Evangelho fôsse ensinado a suas famílias. Inquiridos a respeito de seus pais, os índios falaram das ilhas de San Blas. Explicaram que distante, na costa atlântica do Panamá, entre Colón e a fronteira Panamá-Colômbia, vivia um grupo de 30 mil índios puros, habitando cêrca de 60 pequenos e curiosos recifes de coral.

Sabendo disso, os élderes tornaram-se mais e mais interessados nos cunas, até que eventualmente visitaram as ilhas. Acharam o povo amistoso e curiosamente receptivo à sua mensagem.

A aceitação dos índios encorajou os missionários a voltar, fazendo viagens regulares de avião desde o continente, visitando o povo, trabalhando com êles em suas plantações no continente e pregando aos homens das vilas em suas reuniões vespertinas de conselho. Com o auxílio dos membros índios, que serviam como intérpretes, os élderes ensinaram-lhes a história do Livro de Mórmon, que encontra paralelo na história do povo — uma história repleta de relatos de grandes profetas, particularmente de um que se diz ter descido diretamente dos céus. Era conhecido como Ibeorgun e ensinou as pessoas a amarem-se umas às outras, a ajudarem o próximo, a serem felizes, a semear plantações, a preparar remédios e curou também os enfêrmos. Êle permaneceu entre os índios apenas por um pequeno espaço de tempo e, quando estava para partir, deixou ao povo um símbolo pelo qual seria lembrado. Êsse símbolo era a cruz. Hoje, muitos dos velhos negam que Ibeorgun fôsse Cristo, mas freqüentemente, quando mostramos a pintura de Arnold Friberg representando a vi-



O Perfil hebraico é evidente nessa mulher lamanita. Os Brincos, no valor de NCr$ 600,00, e o anel nasal são partes da idumentária cuna.

sita de Cristo às Américas, a primeira palavra que o povo diz é "Ibeorgun".

Os élderes continuaram a visitar e a ensinar aquela gente, prometendo que um dia haveria missionários permanentes entre o povo das ilhas. Êsse dia demorou muito a chegar, mas finalmente, após uma década de espera, o govêrno panamenho assinou os papéis e abriram-se as portas para o povo de San Blas. Em setembro de 1965 o caminho ficou livre para que a mensagem do Evangelho fôsse restaurada aos lamanitas do Panamá.

Imediatamente Teddy Brewerton, o recém-designado presidente da Missão Centro-americana, fêz uma viagem às ilhas, a fim de solicitar permissão para que os missionários pudessem morar e fazer pregação ali. Ustupu, a maior ilha, foi escolhida como sede para os primeiros élderes e, quando o presidente Brewerton falou na reunião de conselho daquela ilha, explicando quais eram os desejos e propósitos da Igreja, recebeu aplausos retumbantes. Nessa ocasião, o cacique, que era um dos três chefes de tôdas as ilhas, levantou-se e deu oficialmente as boas-vindas à Igreja em San Blas.

Na primeira parte de outubro quatro missionários, os élderes Lloyd Baker, Leslie Webb, David Sumens e Steve Hale, principiaram a pregação em Ustupu. Após transcorrido pequeno espaço de tempo, tornou-se evidente que o sucesso alcançado justificaria a abertura do trabalho em outra ilha. Em novembro o presidente Brewerton informou aos élderes Steve Hale e Lynn Roundy de que em janeiro começariam a pregação em Carti Tupile, uma ilha relativamente pequena, mas que fôra escolhida antes das outras devido ao desejo demonstrado pelo povo de que a Igreja enviasse missionários a ela. Quando fiz minha primeira visita a Carti, em junho de 1965, o primeiro "sahila" ou chefe censurou-nos pela demora em chegar. Depois, conduziu-nos a um dos lados da pequena ilha e disse: "É aqui que construiremos sua casa." Fomos sempre bem recebidos em Carti e o povo ficou feliz quando meu companheiro, élder Steve Hale e eu chegamos, a 6 de janeiro de 1966, para fixar residência ali.

Durante as primeiras seis semanas vivemos numa choça de junco, que fôra usada pelo Partido Republicano panamenho para reuniões. Depois mudamo-nos para o segundo andar de uma casa de cimento alugada. Lá estabelecemos nossa sede e abrimos um pequeno ramo.



O povo de Sasardi Mulatupu construiu uma capela para a Igreja em cinco dias, ao custo de NCr$ 4,00. A capela comporta 200 pessoas e tem alojamentos para os missionários.

O povo de Carti Tupile havia esperado longo tempo pela vinda da Igreja e, quando ela finalmente, chegou, não perdeu tempo em interessar-se. Na primeira reunião sacramental havia apenas seis pessoas presentes, mas na semana seguinte compareceram 82 e, a partir de então, os serviços passaram a contar, em média, com 75 pessoas. Às reuniões da AMM compareciam mais de 100.

Nós, missionários, nunca tínhamos de sair a procura de pessoas para ensinar — elas vinham a nós. Havia sempre jovens na capela, que vinham ler as revistas da Igreja, e uma pergunta que faziam muitas vêzes era: "Quando poderemos ser batizados?"

Todos estavam interessados na Igreja e logo principiamos a ver os frutos de nosso trabalho e o testemunho do Espírito Santo. A 4 de fevereiro de 1966 registrou-se um fato notável na história da Igreja, quando doze rapazes de Carti foram batizados, na primeira cerimônia realizada na República do Panamá. Êsses jovens demonstraram tamanha transformação em sua vida e hábitos que serviram como missionários naturais em meio a suas famílias. Estas logo principiaram a pedir nossas visitas. Certa vez, ao fim de uma aula introdutória, perguntamos à família quando poderíamos voltar para continuar as aulas. A dona da casa replicou: "Suas palavras são tão interessantes que queremos saber tudo a respeito de sua Igreja, o mais cedo possível. Portanto, se quiserem voltar de nôvo à noite, estaremos esperando." Isto é típico do interêsse dessas pessoas pelo Evangelho. O desejo de aprender levou cinqüenta e uma pessoas às águas do batismo apenas entre fevereiro e março.

Várias lendas tradicionais dos cunas são semelhantes às crenças dos santos dos últimos dias. Os índios falam de muitos grandes profetas que existiram entre êles e pregaram a retidão. Têm crenças a respeito de bons e maus espíritos. Afirmam que Deus é um homem como nós e que apenas os melhores índios, que praticarem todos os ensinamentos dos profetas, voltarão a viver com Êle.

Meu companheiro e eu tivemos a oportunidade de comparecer a um funeral que nos fêz descobrir outra crença cuna muito interessante. Uma criancinha falecera e, de acôrdo com a tradição, a família dirigiu-se ao cemitério à beira do rio, a fim de preparar arroz e "chicha", uma bebida extraída de cereal, para oferecer aos amigos e parentes que viriam demonstrar condolências. Aproximadamente às 7:30 horas chegamos ao campo santo, formado por dezenas de choças que abrigam as sepulturas. Abrimos então caminho para a cabana em que estavam reunidos os familiares e a criança morta. Os homens ocupavam-se da limpeza da choça, preparando tudo para a chegada dos visitantes. As mulheres estavam sentadas em círculo ao redor da criança, que jazia numa rêde, envôlta em tiras de pano. A mãe cantava uma canção, dizendo que a família pensaria contìnuamente na pequenina.

Logo de início fiquei surpreendido e quase chocado com a atitude de todos. Ao invés de tristes, mesmo os pais e parentes próximos da menininha pareciam **felizes.** Todos sorriam e riam. O pai saudou-nos com um largo sorriso, sem demonstração de pesar. Era tudo completamente diferente de qualquer funeral que eu já presenciara. Portanto, cheio de curiosidade, perguntei a Luisito Stocel, nosso intérprete, quais eram as crenças dos índios a respeito da morte, especialmente de criancinhas. E esta foi sua resposta fascinante: "Quando uma criancinha morre, de acôrdo com a crença dos índios, não recebe nenhuma punição. Isto é, vai diretamente da terra aos céus. A razão disto é que os índios crêem que a criança não sabe distinguir o bem do mal e assim sendo não pode ser punida pelo que não compreende." Isto era muito interessante e explicava a razão porque a família parecia quase alegre à morte de sua filhinha. Por que não haveriam de estar contentes, crendo como criam que ela iria habitar com Deus? Isto me lembrou de muitas partes do Livro de Mórmon em que, após uma batalha em que muitos eram mortos, os nefitas sentiam quase alegria pela perda de seus entes queridos, porque sabiam que devido à sua retidão logo estariam com Deus. O fato também me trouxe à mente os ensinamentos de Mórmon a respeito da inocência das criancinhas, que são salvas através da expiação de Cristo.

Crenças como esta e muitas outras ajudam-nos a mostrar ao povo de San Blas que o que temos a oferecer é, na verdade, aquêle mesmo Evangelho que possuíram tanto tempo atrás.

Nossos membros índios são muito fiéis e anseiam por conhecimento. O tradutor, Luisito Stocel, que na época contava dezenove anos de idade, converso há três anos, foi de valor inestimável para nós na pregação a seu povo. Sem sua ajuda nossa obra ter-se-ia atrasado consideràvelmente. Êle dedicou com altruísmo seu esfôrço, seu tempo, seus muitos talentos e grande testemunho ao Senhor. Serviu como um terceiro "companheiro" para nós, traduzindo quase tôdas as lições do espanhol para o dialeto nativo. Nunca vi um rapaz com o seu zêlo, amor pelo Senhor e entusiasmo pela obra da Igreja. Seus atos seriam um exemplo para todos os santos dos últimos dias e um testemunho para muitos que relutam em participar da edificação do reino.

Êle é apenas um exemplo do que êsses jovens são capazes quando orientam suas vidas na direção certa. Deve Sião fugir à luta? Não os jovens índios. Êles ficaram sem o Evangelho durante centenas de anos e, agora que o possuem novamente, não estão dispostos a deixar que lhes seja tirado.

Para êsses índios, o passado foi uma noite de escuridão, na qual não existia a verdade; o presente é o despontar de uma nova era — uma era de esclarecimento; e o futuro é uma promessa dos brilhantes raios do sol, trazendo consigo a plenitude do Evangelho restaurado. Há mais de 60 ilhas que não possuem missionários e, em cada uma delas, pessoas que esperam algo. Talvez não estejam cônscias disso, mas alguma coisa, bem no seu íntimo, espera.

Na última metade de abril de 1966 soubemos que o "sahila" de Akuatupu, ou Ilha Rochosa, ouvira falar nos missionários mórmons e desejava vê-los. Algum tempo depois, meu companheiro, élder Gregory Robinson, e eu o visitamos. Saímos de manhã cêdo, numa canoa motorizada, e quando chegamos o sahila veio saudar-nos, perguntando



Cemitério cuna às margens de um rio no continente, no qual os mortos são postos sob abrigos para proteção contra as chuvas.



O cabelo curto dessas duas môças cunas é o costume após a Festa de Preparação. A ilha Ustupu, no fundo, é a maior do arquipélago, habitada por cerca de 2700 pessoas.

Um missionário apresenta as lições do Evangelho a uma senhora cuna, em sua choça. Muitos têm ouvido a mensagem e aceito o Evangelho.



o propósito da visita. Explicamos que havíamos vindo em atenção a seu pedido. Êle disse que nunca havia externado tal desejo e que devia haver algum engano, pois, na verdade, não queria nada com americanos ou latinos. Havia visto as mudanças operadas pela assim chamada "civilização" e não queria saber das pessoas "educadas". Afirmou que desde que era sahila não permitira, nem permitiria enquanto assim permanecesse, que qualquer influência externa mudasse a vida de seu povo.

Nós dissemos que lamentávamos o engano e que não queríamos aborrecer o povo, já que não estavam interessados mas, para não perder a viagem, gostaríamos de explicar quem éramos e o que tínhamos a oferecer. Êle assentiu a êsse pedido e permitiu-nos expor-lhe alguma coisa a respeito dos mórmons. Já então muitos dos 170 habitantes da ilha haviam-se reunido na sala do conselho e principiamos nossa explanação. Falamos primeiramente da extensa história da civilização indígena. Explicamos que os antigos líderes não haviam escrito essa história, mas preferiram transmiti-la de bôca a bôca. Mesmo tendo os índios conseguido desenvolver uma grande habilidade de retenção do que ouviam, cada geração ia perdendo ou alterando algumas partes dêsses ensinamentos primitivamente perfeitos. Essas mudanças continuaram através dos séculos, chegando ao ponto de, hoje em dia, os diversos sahilas professarem crenças diferentes a respeito de seus antepassados. Depois continuamos com uma explicação sôbre o Livro de Mórmon e sua ligação com os índios. Quando falamos dos antigos profetas e da tradição dos cunas, um dos porta-vozes da vila, ponderando profundamente, declarou: "Êsse jovem estrangeiro conhece mais sôbre nossa história do que nossas próprias mulheres. Êle deve estar com a razão e fico muito satisfeito de que tenha vindo aqui hoje!" Quando concluímos a exposição, perguntamos ao sahila se gostaria de receber êsse livro que continha a história indígena e êle replicou: "Seria uma grande honra possuir o livro de que falam."

Antes de nossa lição, êsse homem rejeitava todos os estrangeiros, mas ao fim da mensagem quis saber quando voltaríamos para explicar-lhes mais coisas, pois assim poderia providenciar para que todos os habitantes da vila estivessem presentes. Antes de sairmos pediu que cantássemos uma canção sôbre Deus e depois conduziu-nos pessoalmente a uma visita à ilha.

Alguns dias mais tarde êsse sahila enviou uma carta a um amigo seu em Carti Tupile, na qual pedía-nos que não esquecêssemos a visita da semana seguinte e acrescentava que o povo da vila havia decidido construir uma casa para nosso uso. O chefe não o sabia, mas estava esperando por nós e a mão do Senhor guiou-nos até êle.

O grande sucesso alcançado exigia a abertura de ramos em outras ilhas, para a pregação do Evangelho a mais pessoas. Após discutir o assunto e orar, escolhemos Ailigandi, a segunda ilha em tamanho. O élder Floyd Baum chegou para ser meu companheiro e, depois de jejuar e orar durante dois dias, comparecemos ao conselho, pedindo permissão para abrir um ramo da Igreja naquela ilha. A aceitação foi unânime e nem uma só pessoa se expressou de forma negativa com respeito à vinda dos

mórmons. Os arranjos foram feitos e avisamos a vila que retornaríamos dentro de uma semana, com equipamento para abrir uma capela. À nossa chegada, sete dias mais tarde, o sahila informou-nos de que o povo não desejava mais que os mórmons se estabelecessem na terra. A igreja já existente, bem fundamentada, havia feito tudo para desacreditar os mórmons e seu modo de vida, difundindo inverdades, e lograra sucesso tal que fomos rejeitados quase que unânimemente. Deixamos a ilha entristecidos, mas com a esperança de que algum dia êsse povo visse a Igreja como ela realmente é.

Com isto, o élder Baum e eu ficamos sem residência, mas logo encontramos nôvo local possível, Sasardi-Mulatupu, uma grande ilha de cêrca de mil habitantes, próxima ao extremo sul dos arquipélago de San Blas. Trabalhando com sede em Ustupu, fizemos uma visita de sondagem à ilha e ficamos surpresos ao encontrar o povo à nossa espera, devido ao aviso de um mensageiro. Estavam bem dispostos a permitir-nos fixar residência ali. Após obter a anuência de tôda a liderança da vila, saímos para trazer os materiais necessários à abertura de uma capela.

Ao regressar fomos logo saudados por dois professôres índios, que amàvelmente se dispuseram a partilhar sua pequena choça conosco em caráter provisório. Quando nosso equipamento chegou, a vila franqueou-nos o cinema para residência e os filmes passaram a ser exibidos na catedral abandonada. Mais tarde, os homens da vila principiaram a construir instalações adequadas para nós e uma capela de junco branco e fôlhas de palmeira, que a população inteira ajudou a erigir. Levou cinco dias para ser concluída e custou à Igreja 1,05 dólares em materiais de construção.

Apesar de não têrmos membros ali, nossas reuniões diárias eram bem freqüentadas pelos vilarengos. Tínhamos uma freqüência média de 130 pessoas aos domingos; os ensaios do côro atraiam 150 visitantes e a AMM mais de 200. Tínhamos também uma organização comparável à da Primária e um belo grupo de 60 senhoras, organizadas em associação autônoma e independente, que constituía boa base para uma futura Sociedade de Socorro. O potencial era surpreendente e, apesar de não podermos contar com os serviços de um intérprete permanente, conseguimos ensinar diversas famílias e muitos jovens pais que falavam o espanhol. O futuro era verdadeiramente radioso e tínhamos grandes esperanças para o progresso e desenvolvimento da obra.

Mas, exatamente quando nosso trabalho começava a conjugar ensejo e vontade, a tradição indígena interferiu com êle, com trágicos resultados. Durante séculos os cunas haviam cultuado como sagrada a festa da puberdade, chamada "Inna" ou "Festa chicha". Chicha é uma bebida extraída de cereal e caldo de cana, fermentada durante diversos dias para ser bebida durante a celebração da passagem da infância das mocinhas.

Mesmo sendo a "chicha" contra a Palavra de Sabedoria, nunca antes havíamos condenado abertamente a tradição, mas restringíamos o ensinamento da doutrina a pequenos grupos interessados e pessoas em particular. Nessa época, contudo, sentimos um grande impulso de tornar o



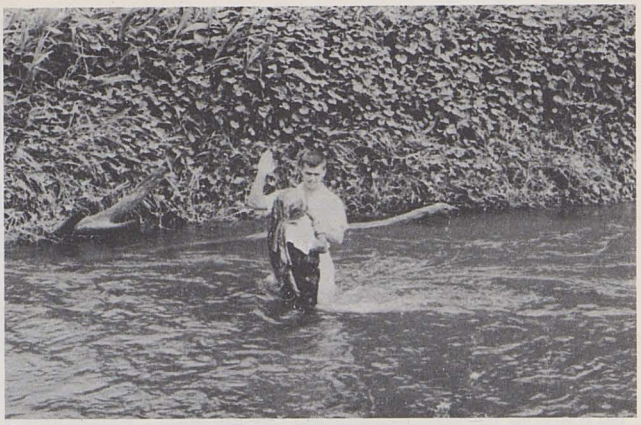
Os cunas são um povo sorridente

O autor, Élder Lynn M. Roundy, com uma menina cuna.





"Dia do Peixe", as mulheres de San Blas tocam côcos por peixes. O peixe é o principal ítem da dieta cuna.



Élder Gregory A. Robinson batiza uma jovem cuna em um rio próximo a Carti Tupile.

desejo do Senhor conhecido de tôda a vila. Com esta inspiração do Espírito, jejuamos e oramos antes de ir ao conselho, conhecendo plenamente as conseqüências de uma possível rejeição de nossas palavras.

Nem meu companheiro nem eu falávamos o dialeto cuna fluentemente. No entanto, eu me levantei diante dos homens da vila e conversei claramente com êles por mais de uma hora. O Espírito do Senhor estava presente, mas os líderes da ilha não ouviram o seu sussurro. No dia seguinte as engrenagens estavam articuladas para a expulsão dos missionários. Nossas palavras foram interpretadas como negação das sagradas tradições e em defesa de sua "religião" os dois dirigentes enviaram-nos o ultimato de abandonar a pregação da Palavra de Sabedoria ou deixar a vila. Tínhamos apenas uma escolha, pois não poderíamos negar uma de nossas doutrinas básicas. Na noite seguinte fomos chamados diante do conselho e deram-nos uma última oportunidade de aceitar as condições. Diante de nossa recusa, o primeiro sahila deu-nos prazo até a tarde seguinte para abandonar a ilha.



Manibinigdiguna é o principal "sahila" (chefe) e curandeiro cuna da ilha Sasardi Mulatupu.

Como havíamos aprendido a amar profundamente aquela gente, ficamos muito tristes pelo sucedido, especialmente porque sabíamos que centenas de pessoas não concordavam com a decisão dos chefes.

Após vender e empacotar nossos pertences, saímos da ilha, passando por centenas de vilarengos, jovens e velhos, todos entristecidos, com as faces banhadas em lágrimas, desejando saber por que seus bons amigos estavam partindo. Nós também tínhamos o rosto alterado pelo remorso e quando uma das senhoras mais fiéis trouxe sua linda filhinha para apertar-nos as mãos, nossos olhos também ficaram cheios de lágrimas e assim continuaram até estarmos bem afastados, a caminho de Ustupu.

Nosso amor pelo povo dessa pequena ilha de coral levou-nos a orar muitas vêzes por êles e temos a impressão de que nossas preces não têm sido em vão, pois parece que o povo quer que os élderes voltem e estão dispostos a substituir seus líderes, se necessário, para o conseguir. Esta é a nossa grande esperança — que o Evangelho seja levado novamente a essa ilha e ensinado a todos os habitantes da costa de San Blas.

O Senhor preparou êsse povo escolhido e o manteve apartado do mundo com um propósito definido e agora seus propósitos estão-se tornando manifestos Naturalmente tem havido problemas e sempre haverá, porque Satanás procura desesperadamente deter o reino, mas seus esforços têm sido e serão em vão, pois o Senhor está pronto. Os problemas que tivermos no futuro serão como montículos de terra, comparados com as montanhas que Satanás terá em seu caminho.

Recentemente, quando o presidente Brewerton soube de nosso desânimo e dos problemas, declarou que nada, nem Satanás nem qualquer outra fôrça de oposição, poderá deter a obra, mas que essas influências se tornarão bênçãos disfarçadas. Desde então suas palavras são lembradas em tôdas as ocasiões. O Senhor restaurou o Evangelho entre os cunas e para êles o "Tempo dos lamanitas" chegou.

O Monumento



às Gaivotas

Para aquêles que seguiam na vanguarda dos pioneiros mórmons, o êxodo chegara ao fim. Seu líder, o presidente Brigham Young, e muitos companheiros haviam voltado para o Leste em busca de suas famílias, no outono anterior, e ainda não tinham regressado ao vale. A cidade do Grande Lago Salgado, no fim daquela primavera de 1848, consistia de quatrocentas cabanas de troncos e choças de alvenaria — tôdas localizadas dentro do "Velho Forte" — e mais de 2 mil hectares de terra em cultivo. As mil e setecentas almas que residiam no vale empenhavam-se ao máximo em fazer o "deserto florescer como a rosa."

Então, do lado das colinas, veio avançando a nuvem de gafanhotos. Enquanto se expandia pelos campos, os santos mergulhavam em trevas e desespêro, pois os insetos não deixavam sequer uma fôlha verde onde há pouco existiam prósperas plantações de cereal.

Tôdas as mãos disponíveis foram conclamadas para o combate. Todos os métodos de exterminação conhecidos foram tentados — água, fogo, cacetes — sem nenhum resultado. Os mantimentos trazidos através das planícies no ano anterior estavam quase consumidos. Êles sabiam, além disso, que outros milhares de santos estavam a caminho do vale do Grande Lago Salgado. Tudo dependia dessa colheita que era agora destruída nos campos.

Os líderes, parando por um momento em meio à luta, analisavam a gravidade do problema. "Pai Smith," disse o segundo conselheiro, John Young, "é seu dever enviar um expresso ao irmão Brigham, dizendo que não traga o povo para cá; pois, se o fizer, todos morrerão de inanição."

John Smith, tio do profeta Joseph e presidente da Estaca de Salt Lake, meditou por um momento e depois replicou: "Irmão John Young! o Senhor é que nos trouxe aqui e não foi para perecer!"[1]

Quando tudo havia fracassado, homens, mulheres e crianças caíram de joelhos para proferir a prece que guardavam em seus corações desde o princípio. De repente, uma nuvem — uma nuvem branca — apareceu nos céus. Seria mais destruição? Todos olhavam e conjeturavam.

Eram gaivotas. E, quando pousaram nos campos, homens e mulheres de olhos esbugalhados viram que se punham a engulir, não os brotos tenros da plantação, mas os gafanhotos. E, uma vez cheias, as gaivotas voavam para longe, vomitavam e retornavam aos campos assolados à procura de mais insetos.

Era a libertação!

A data dêsse moderno milagre não foi registrada. Alguns historiadores situam-na em maio de 1848, outros em junho e e alguns em maio e junho. O certo é que a 9 de junho de 1848 a presidência da Estaca de Salt Lake enviou uma carta ao presidente Brigham Young e ao Conselho dos Doze, então a caminho do oeste, dizendo:

"...brotaram em grande quantidade as plantações na primavera e estavam crescendo bem até há poucos dias. Gafanhotos causaram dano considerável, tanto ao trigo como ao milho, o que desanimou alguns, mas ainda resta bastante...

"As gaivotas vieram em grandes bandos do lago e enguliram os gafanhotos no caminho: parece que a mão do Senhor (está) a nosso favor..." (*Journal History*, 9 de junho de 1848.)

A gaivota tornou-se o pássaro do Estado de Utah.

O Monumento à Gaivota, obra de Mahonri M. Young, neto do presidente Brigham Young, foi inaugurado na Praça do Templo a 1.º de outubro de 1913. Sua base de granito, de 20 t, é circundada por um canal em miniatura, alimentado por uma fonte. Daí sobe uma coluna cilíndrica de 4,5 m de altura, encimada por um globo de granito, sôbre o qual repousam duas gaivotas de bronze, com um pêso de de cêrca de 226 kg e 2,40 m de abertura das asas.

Em três faces da base do monumento foi relatada a história das gaivotas e gafanhotos, na simplicidade da escultura em relêvo. O quadro da face leste fala da chegada dos pioneiros. O do sul mostra a invasão de gafanhotos. B. H. Roberts descreve-o assim: "A luta do colonizador contra a nuvem invasora está finda — êle exauriu todo o seu engenho e fôrça no combate. Foi vencido — pode-se ver isso no desespêro de sua figura curvada para a terra, sua cabeça pendida e mãos abandonadas, das quais a enxada escapou.

"O desespêro o domina e escarnece dêle. A mulher; nesse quadro, é diferente. Ela segura uma criança pela mão — e através disso sente o apêlo palpitante do futuro — a vida de uma geração de homens e mulheres ainda por vir..." (*Comprehensive History of the Church*, Vol. 3, pág. 354.)

O terceiro quadro mostra a primeira colheita dos pioneiros. O quarto registra:

MONUMENTO À GAIVOTA
CONSTRUÍDO EM GRATA LEMBRANÇA DA MISERICÓRDIA DE DEUS PARA COM OS PIONEIROS MÓRMONS

É essa a nossa história das gaivotas e gafanhotos. Que ela possa sempre aquecer com alegria as almas dos santos dos últimos dias.

1. Carta de Thomas Collins ao élder George A. Smith, datada de 13 de fevereiro de 1869, *Journal History*, 9 de junho de 1848.

Bispado Presidente

O Bispo Presidente Fala à Juventude Sôbre o Respeito

Nos dias de seu ministério terreno, enquanto se associava com leprosos, coxos e sábios, ou quando se ajoelhava em solene oração diante do Pai, o Salvador demonstrou sempre um profundo respeito pelos outros. Mesmo durante o julgamento, quando aquêles a quem amava o traíram e os que viera servir mofavam dêle e o amaldiçoavam, nem uma só vez expressou-se com desrespeito. Ainda quando a turba gritava: "Crucificai-o! Crucificai-o!" e Êle era levado ao Gólgota para sofrer a mais cruciante das dores, preocupava-se com o bem-estar de sua mãe, dos que amava e mesmo dos que pregavam cravos em suas mãos. Nunca brotou de seus lábios uma palavra desdenhosa.

Rapazes e moças, é esta grande qualidade, o respeito, que desejo analisar com vocês. Trata-se de uma virtude muitas vêzes difícil de os jovens apreciarem plenamente; e, no entanto, é uma característica de maturidade, dignidade e grandeza. Como o respeito é uma virtude que tem lugar em tôdas as fases de nossa vida, desejo examinar com vocês sua aplicação nos setôres em que ela parece ter particular importância em nossos dias.

RESPEITO AOS PAIS

Desde os tempos de Adão aos do Sinai, e até nossos dias, a juventude tem tido a responsabilidade de respeitar seus pais. Os grandes homens sempre os respeitaram. Quando Cristo nosso Mestre, o maior de todos, pendia sangrando da cruz, pensou no bem-estar de sua mãe. O respeito pelos pais é básico para a verdadeira hombridade e feminilidade.

Conta-se a história de um rapaz inglês que foi enviado certo dia para guardar o campo de seu pai. Sob nenhum pretexto deveria deixar alguém atravessá-lo. Mal havia chegado ao pôsto quando alguns caçadores apareceram e ordenaram-lhe que abrisse o portão. Êle recusou-se, dizendo que tinha de obedecer as instruções do pai. Finalmente um dêles aproximou-se e disse com voz autoritária: "Meu rapaz, você não me conhece, mas sou o Duque de Wellington. Não estou habituado a ser desobedecido. Ordeno-lhe que abra êsse portão."

O garôto tirou o boné e respondeu firmemente: "Estou certo de que o Duque de Wellington não pode querer que eu obedeça sua ordem. Tenho o dever de conservar o portão fechado. Ninguém pode atravessá-lo senão com permissão expressa de meu pai."

Então o Duque tirou o chapéu e disse: "Respeito o homem ou o rapaz que não pode ser induzido por ameaças ou subôrno a desobedecer ordens. Com um exército de soldados dêsse tipo eu poderia conquistar não apenas os franceses, mas o mundo todo."

A obediência aos pais é a forma mais sublime de respeito. E freqüentemente são as coisas ditas pequenas que exprimem êsse sentimento. É bom que vocês, rapazes e moças, compreendam o quanto devem a seus pais do que são e do que têm. Não há pessoa na terra que mereça mais o seu respeito.

Muitas vêzes ouvimos jovens comentar que gostariam de ser tratados com mais respeito. E não é sem razão. No entanto, uma regra básica de relações humanas é que "o respeito gera respeito." Vocês irão constatar que ganharam o respeito de seus pais e dos outros, se os honrarem e respeitarem.

Há pouco tempo, um incidente foi relatado por um homem de cabelos brancos, curvado ao pêso dos anos. Quando jovem, regressava certa vez dos campos de feno da fazenda de seu pai, onde estivera labutando desde o alvorecer. Nessa hora o pai pediu-lhe que fôsse à cidade com uma incumbência. O ancião comentou então:

"Estava cansado, sujo e faminto. Faltavam 3 km até a cidade. Além disso, eu queria jantar. Meu primeiro impulso foi recusar, e àsperamente, pois estava zangado com meu pai por me pedir que saísse após um longo dia de trabalho. Mas sabia que se me recusasse êle próprio iria. "Claro, pai, irei", disse de bom grado, entregando a foice a um dos homens. "Obrigado, Jim", replicou meu pai. "Eu mesmo pretendia ir, mas não sei por que não me sinto muito bem hoje."

"Foi comigo até a estrada que levava à cidade e, ao me deixar, pôs a mão no meu braço e disse novamente: "Obrigado, meu rapaz; você sempre foi um bom filho para mim, Jim."

"Corri até a cidade e fiz o caminho de volta. Quando cheguei perto de casa, vi que algo de extraordinário havia acontecido. Todos os fazendeiros estavam reunidos perto da porta, ao invés de cuidar de seus afazeres. Chegando mais perto, um dos homens voltou-se para mim com lágrimas nos olhos. "Seu pai está morto," disse êle. "Caiu assim que chegou em casa. Suas últimas palavras foram a seu respeito."

"Hoje sou um velho, mas agradeci a Deus inúmeras vêzes, no transcorrer dêstes anos, por aquelas últimas palavras de meu pai — "Você foi um bom filho para mim."

Respeito aos pais é o primeiro passo para a nobreza.

RESPEITO AOS OUTROS

O respeito é uma atitude que freqüentemente encontra expressão no que se chama de "cortesia". Uma tragédia de nossos tempos é que a cortesia não seja mais tão praticada como deveria. Esta forma de respeito e consideração é tão essencial e básica! "Tôdas as portas estão abertas à cortesia", disse Thomas Fuller. E Tennyson observou: "Maior o homem, maior a cortesia."

A cortesia é uma forma de respeito essencial ao caráter de um verdadeiro homem e de uma verdadeira mulher. Reflete confiança e estima própria. Neste sentido, disse E. S. Martin: "O respeito a si próprio é a base das boas maneiras. E elas são evidência de disciplina, boa vontade e respeito pelos direitos, confôrto e sentimentos alheios."

É bom, jovens, que nos examinemos e cuidemos para que todos os nossos atos sejam revestidos de cortesia e consideração pelos demais — daquele respeito que brota do íntimo.

"Nada é mais próprio de um grande homem que a cortesia", disse Cícero.

RESPEITO A LEI

O respeito pela lei e pela autoridade civil e princípio básico de nossa doutrina. O profeta Joseph Smith declarou: "Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, como também na obediência, honra e manutenção da lei." Esta é uma atitude escarnecida e ridicularizada por muitos em nossa sociedade.

RESPEITO PELA AUTORIDADE DIVINA

O apóstolo Paulo precisou adquirir respeito pela autoridade antes de ser chamado a ministrar. No Livro de Atos lê-se a história da jornada de vingança que levou Saulo a Damasco, interrompida quando a voz do Senhor clamou: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (Atos 9:4,6.)

O Senhor poderia ter explicado a Saulo em poucas palavras o que fazer, mas conhecia sua natureza e sabia que êle encontraria dificuldade em reconhecer e respeitar a autoridade dos líderes da Igreja, como o provaram fatos posteriores. Portanto, num esfôrço para inculcar nêle a importância vital de respeitar a autoridade da Igreja, o Senhor enviou o sábio Saulo a Ananias, humilde oficial presidente da Igreja em Damasco — o próprio homem a quem Paulo ia prender — para receber de suas mãos instruções sôbre o Evangelho de Jesus Cristo.

O respeito pela autoridade é básico em nossa religião. Em Doutrina e Convênios o Senhor ressaltou sua importância, declarando:

"O que eu, o Senhor, falei, disse e não me escuso; e ainda que passem os céus e a terra, minha palavra não passará, mas será inteiramente cumprida, seja pela minha própria voz, ou pela de meus servos, não importa." (D & C 1:38.)

Uma grande bênção está reservada para vocês, rapazes do Sacerdócio Aarônico e para vocês, mocinhas, se perceberem o alcance desta declaração do Senhor. Atentem para o profeta, para seu presidente de estaca e seu bispo: respeitem-lhes a autoridade e sigam seu conselho.

O respeito, como dissemos, é básico. Com demasiada freqüência na sociedade atual, os jovens, inseguros em sua falsa maturidade, voltam-se para o desrespeito, julgando elevar seu próprio conceito. Mal percebem que assim procedendo estão "traindo seu direito à excelência."

Concluiremos parafraseando um pensamento do presidente McKay: "Os homens pequenos podem triunfar, mas sem (respeito) nunca poderão tornar-se grandes."



O Propósito Glorioso da Mulher

Harold B. Lee

As irmãs me pediram que falasse sôbre o assunto: "O papel da mãe no ensino familiar centralizado no Evangelho." Anuncio isto para que saibam sôbre que eu deveria falar, caso me afaste do assunto.

Ao dr. David Sarnoff, considerado o pai da televisão e do rádio, são atribuídas estas palavras:

"Os indivíduos mais felizes que encontrei não foram os que fizeram grandes conquistas mundanas ou de riqueza, mas eram pessoas simples, que estavam bem casadas, gozando saúde e boa vida familiar." (**Wisdom Magazine,** 22.ª edição.)

ENSINAR OS FILHOS

Na epístola dirigida à Igreja pelo presidente Brigham Young e seus conselheiros, John W. Young e Daniel H. Wells, apenas seis semanas antes de sua morte em 1877, lê-se algumas coisas muito importantes:

"Entre os muitos deveres que recaem sôbre nós, nenhum deve receber atenção mais cuidadosa e constante que a educação de nossos filhos. Êles são numerosos e, se adequadamente treinados, tornar-se-ão uma grande bênção para os habitantes da terra. Os pais devem dedicar algum tempo — se não todos os dias, pelo menos sempre que possível e não deixar muito tempo se passar — para reunir os filhos e interrogá-los a respeito de suas amizades, palavras, ações etc., ensinando-lhes os princípios do Evangelho. Devem enviá-los regularmente ao colégio e à Escola Dominical e propiciar tôdas as oportunidades para que recebam instrução sadia e completa, especialmente sôbre os princípios do Evangelho e a história da Igreja."

O presidente Joseph F. Smith, após citar a exigência do Senhor de que ensinemos nossos filhos, conforme registrado na Seção 68 de Doutrina e Convênios, disse:

"E se os pais deixarem de o fazer, e os filhos se desviarem, e se afastarem da verdade, afirma o Senhor que o pecado cairá sôbre a cabeça dos pais. A transgressão dêsses filhos será cobrada aos pais, que serão responsabilizados por sua apostasia e escuridão. Após refletir sôbre êste assunto, cheguei a uma conclusão ...não creio que seria possível a minha administração na exaltação e glória no Reino de Deus se, através de minha negligência, meus filhos se tornassem filhos de escuridão... Êles não devem, não podem desviar-se com o meu consentimento. Implorar-lhes-ei; esforçar-me-ei com todo o empenho para torná-los tão fiéis e dedicados a êste Evangelho quanto me fôr possível; porque, sem os ter a meu lado no Reino de Deus, eu sentiria que minha casa não era perfeita. (**Relatório da Conferência,** abril de 1898.)

O PAPEL DA MÃE

A importância de se ensinar o Evangelho na família está expresso na revelação da primeira Seção de Doutrina e Convênios, onde são abordados quatro importantes pro-

pósitos da restauração do Evangelho, no que se aplicam particularmente ao lar:

1. Para que a fé também aumente na terra; . . . E, se errassem, pudessem reconhecê-lo; (D. & C. 1:21-25.)

2. E, se buscassem sabedoria, fôssem instruídos; (D. & C. 1:26.)

3. E, se pecassem, fôssem repreendidos, para que se se arrependessem; (D. & C. 1:27.)

4. E, sendo humildes, fôssem fortalecidos e abençoados pelo alto e recebessem conhecimento de tempos em tempos. (D. & C. 1:28.)

O papel da mãe neste Evangelho vital, centralizado no lar, é muito claro e abordarei agora apenas quatro ou cinco responsabilidades que considero essenciais.

A primeira coisa que diria às mães é: não desistam do contrôle do jovem naquela fase insuportável de super-egotismo que alguns adolescentes atravessam. Faço-lhes um apêlo em favor dêsses garôtos. Não os abandonem nesse estágio terrível de independência e desrespeito pela disciplina familiar. Não desistam de controlá-los quando dão suas demonstrações chocantes de irresponsabilidade; quando adotam a atitude de sabe-tudo e dispensam conselhos, que para êles não passa de balelas de um "quadrado" que perdeu contato com a juventude. Saber não basta — devemos aplicar. Boa vontade não é suficiente — precisamos executar.

"Nada é mais terrível que a ignorância em ação. Os tolos e sábios são inofensivos. Os semi-tolos e semi-sábios é que são perigosos." (Goethe)

Atribui-se a um professor universitário as seguintes palavras:

"Não é ótimo que o Senhor tenha feito os jovens tão belos e agradáveis à vista? Do contrário, como conseguiríamos suportar suas tolices?"

Temos um neto na Missão Britânica do Norte. Havia chegado lá há pouco tempo, quando escreveu uma carta interessante, na qual dizia que os conselhos de seus pais voltavam agora à sua mente com grande impacto. É como se fôsse um livro guardado na estante há dezenove anos, que êle apenas agora começa a consultar e ler pela primeira vez. Assim também são seu filho e sua filha. Você pode julgar que não estão ouvindo. Êles também podem achar que não estão escutando, mas um belo dia será o seu livro que tirarão da estante para reler, quando mais o necessitarem.

FÔRÇAS OPOSTAS

Existem fôrças que começam a agir depois de os pais terem exaurido tudo para ensinar seus filhos. Essa fôrça influenciou o jovem Alma que, juntamente com os filhos de Mosía, propunha-se a destruir a obra de seus antepassados. Vocês se lembrarão que um anjo veio ao seu encontro e derrubou-o, atingindo-o, suponho, justamente no nariz. O rapaz ficou estendido como morto pelo espaço de três dias e três noites e o anjo disse:

". . . Eis que o Senhor ouviu as orações de seu povo e também as orações de seu servo Alma, que é teu pai; porque tem orado com muita fé a teu respeito, para que tu sejas levado ao conhecimento da verdade; portanto, para êsse fim é que venho; para convencer-te do poder e autoridade de Deus, e para que as orações de seus servos possam ser respondidas, de acôrdo com sua fé." (Mosía 27:14.)

O mesmo sucedeu quando os irmãos indóceis procuravam destruir Néfi. Um anjo apareceu, dizendo:

"Sois rápidos em cometer pecados, porém vagarosos em lembrar-vos do Senhor vosso Deus. Haveis visto um anjo, que vos falou; sim, haveis ouvido sua voz de quando em quando; e êle vos falou numa voz mansa e delicada, porém havíeis perdido a sensibilidade, de modo que não pudestes ouvir sua palavra; e o anjo teve, por isso, que falar-vos com voz de trovão, o que fêz a terra tremer como se fôsse fender." (1 Néfi 17:45.)

Então Néfi, após isso, continuou:

". . . Em nome do Deus Todo-poderoso ordeno-vos que não me toqueis, porque estou cheio do poder de Deus a ponto de consumir minha carne; e quem puser as mãos em mim ficará sêco como uma vara e não será nada diante do poder de Deus, pois que Deus o ferirá." (1 Néfi 17:48.)

UM PAI À TESTA DA FAMÍLIA

A segunda função da mãe, creio, é colocar o pai à testa da casa. Esta é a opinião de um famoso juiz, que afirmou derivarem daí muitos problemas em famílias de delinqüentes. Como conseguir isso? Já se comentou que as criancinhas logo se libertam da necessidade de afeto, mas os pais nunca. Ora, esta é a primeira forma de pôr o pai à testa da casa. Mesmo que não o mereça. Quando merecer, beije-o, e, se estiver neurastênico, ignore-o. Dê-lhe o tratamento do silêncio. Mas nunca, nunca deixe-o sentir que não é compreendido. Coloque o pai à testa da família.

O presidente Brigham Young disse:

"Sei que vocês, boas mulheres, ficam aborrecidas, magoadas e chegam a perder a paciência com seus maridos, por vêzes com razão. Êles não mostram sempre a consideração que deveriam por vocês; mas se estão provendo o lar e são delicados, e em outras questões as tratam bem, fiquem com êles. Parece que estão ensinando por aí que da forma com que nossos corpos baixarem à sepultura, assim ressurgirão, com tôdas as deficiências e imperfeições que têm aqui; e que se uma espôsa não amar o marido neste estado, não poderá amá-lo no outro. Isto não é verdade. Os que alcançarem a bênção da primeira ressurreição celestial serão puros e perfeitos, perfeitos no corpo. Todo homem ou mulher que conquistar essa glória indescritível será tão belo como os anjos que cercam o trono de Deus." (**Journal of Discourses,** Volume 10, pág. 24.)

Irmãs, procurem burilar seus maridos da melhor forma possível enquanto os têm aqui e, depois, esperem no Senhor que o processo continue além do véu.

INDUZAM OS MARIDOS A HONRAR SEU SACERDÓCIO

Outra função da mãe é induzir o marido a honrar seu Sacerdócio. Isto faz parte do conselho do profeta Joseph à primitiva Sociedade de Socorro, que as irmãs devem recordar muito bem. Seu espôso possui as chaves do lar celestial nas eternidades futuras, para você e seus filhos e, a menos que você honre e exalte o Sacerdócio, sua família sofrerá, talvez até ficando sem o lar celestial, na falta do marido. Promova orações familiares, mesmo que precise de tomar as rédeas. Faça com que seu espôso assuma a direção, se fôr possível. Procure levá-lo a comparecer à Reunião do Sacerdócio e a aceitar o encargo de

mestre familiar. Depois, faça o possível para ajudá-lo, amorosa e pacientemente, a cumprir suas obrigações, de forma que um dia vocês e seus filhos possam passar pelo templo.

ACEITE O AUXILIO DO SACERDÓCIO

A seguir, eu aconselharia as irmãs a aceitarem o auxílio que o Sacerdócio pode oferecer na solução de problemas que parecem insuperáveis. Os membros têm a tendência de passar por cima da autoridade do bispo — alegando que está ligado demais ao casal, é muito jovem e inexperiente, ou que temem que não seja discreto — o que talvez não passe de uma desculpa.

O bispo tem em suas mãos todos os recursos do Sacerdócio e das auxiliares para pôr em ação, mas se nós, da direção geral, quisermos fazer algo, precisamos entrar em contato com êles através da presidência da estaca. Portanto, é pura perda de tempo procurar as Autoridades Gerais, passando por cima da autoridade do bispo e do presidente da estaca.

Recebi uma carta de uma moça adorável, cujo casamento oficiei alguns anos atrás. Ela falava de problemas e ao começar a ler pensei, eis aí um casamento feito no templo que fracassou.

"Imediatamente principiamos a ter problemas. Na ocasião, e desde então, procuramos compreender por quê. Não houve coisa alguma em especial que desencadeasse de forma concreta nossas dificuldades. Éramos ativos na Igreja e freqüentávamos as reuniões; orávamos; pagávamos o dízimo; comparecíamos ao templo com regularidade. Amávamo-nos tanto e tínhamos tantas esperanças nesse nosso casamento! Começamos então a esperar um nenê e, a despeito da enorme felicidade com que aguardávamos essa criança, as coisas pareceram piorar tanto que se tornavam insuportáveis. Aproximadamente um ano após nos casarmos sabíamos que não seria possível continuar mais juntos nessas condições. Então procurei o bispo, que era também nosso amigo, e analisamos a situação. Nós três conversamos um pouco. Não me lembro de coisa alguma em particular do que foi falado, exceto que o bispo nos ofereceu um questionável consôlo, dizendo que êle e sua espôsa também atravessaram um período inicial difícil após se casarem. Sua inferência era: nós resolvemos nossos problemas, logo vocês poderão também resolver o seu. Mas quando deixamos o escritório do bispo, sabíamos que de alguma forma havíamos atingido o ponto de retôrno. Descêramos até o fundo e estávamos começando a voltar à tona. Não sei explicar por que ou como isto aconteceu, mas o fato é que começamos a melhorar e assim tem sido desde então."

Porque seguiram a rota do bispo.

REUNIÕES FAMILIARES

Perguntei a uma senhora se estavam realizando as Reuniões Familiares e ela me escreveu, dizendo:

"Falei numa doença séria e espero que não pareça tolice, pois pela primeira vez compreendi quão importante era para meus filhos. Enquanto jazia no leito, incapaz de ajudá-los no que quer que fôsse e sabendo que — a não ser pela intervenção do Pai Celestial — minha influência sôbre êles nesta vida estava finda, as horas das semanas, meses e anos passados pareceram-me muito preciosas e agradáveis. Tomei então muitas resoluções de como empregar o tempo, se isso me fôsse concedido. Uma delas foi passar alguns momentos, tôdas as noites, lendo e conversando com meus filhos. Não sei ao certo, mas creio que geralmente passamos uma hora juntos, cinco noites por semana. Além de outras coisas do interêsse delas, li a maior parte do Livro de Mórmon dos volumes das crianças. A idéia partia de mim, a princípio, mas não continuou assim por muito tempo. Não tenho dúvida de que a iniciativa é muito apreciada pelos pequenos, quando ouço meu filho de oito anos dar graças em suas orações pelos profetas que guardaram os registros, ou quando o pequeno de cinco anos agradece por Néfi ter-se salvo no deserto com os fiéis, quando Lamã e Lemuel procuraram matá-los.

Com essa experiência constatamos que, enquanto ajudamos nossos filhos a ter mais amor e compreensão pelo Evangelho e pelo Pai que os criou, nosso amor mútuo também aumenta e a solidariedade da família cresce de forma mais significativa. Por isto, a Reunião Familiar é da maior importância para nós."

Queremos que vocês, mães de tôda a Igreja, saibam que estamos preparando as melhores lições possíveis, a fim de que as crianças sejam ensinadas pelos pais em todos os lares. Imprimimos 650 mil manuais para serem utilizados por tôdas as famílias da Igreja. Os lares que não estão aproveitando o Manual de Reuniões Familiares perdem uma grande oportunidade.

MÃES, PERMANEÇAM A POSTOS NO LAR

A última recomendação que farei é: que a mãe permaneça a postos no lar. Existe hoje um grande perigo de desmantelamento dos lares, devido aos chamarizes que levam as mães a não permanecer em casa para atender a família. Reconheço certamente a necessidade de algumas mães ganharem o sustento dos seus. Mas, mesmo neste caso, as presidentes da Sociedade de Socorro e bispos devem prestar tôda a assistência — ou fracassarão em seu chamado — para que as mães de crianças pequenas permaneçam com os filhos, se possível, planejando um tipo de trabalho adequado ou uma distribuição de horários propícia. Tudo isto faz parte da obra da Sociedade de Socorro na família.

LAR — UM TETO PARA UMA BOA MULHER

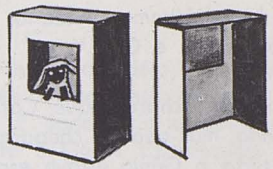
Farei apenas mais algumas sugestões sôbre o papel da mulher no lar. Definindo-o de forma exata, diria que o lar é um teto para uma boa mulher. Deus conceda às mães desta Igreja a capacidade de poder dizer, como os grandes homens do passado: "Sou apenas um, mas sou alguém. Não posso fazer tudo, mas posso fazer algo e, o que puder, pela graça de Deus o farei." Alguém já expressou êsse pensamento da seguinte forma: "Mães, dêem agora o que têm para dar. Talvez os frutos sejam maiores do que jamais ousaram esperar na ocasião."

Que o Senhor as ajude a fazer isso e a estar à altura da grande oportunidade que têm de ser mães dos homens; criadoras da atmosfera familiar que promoverá o fortalecimento dos filhos, quando êstes forem afastados depressa demais de seu convívio. Rogo humildemente que as irmãs construam sôbre êsse firme alicerce e ensinem as mães sôbre quem têm influência a fazer o mesmo, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Divirta-se com Caixas de Papelão

E. La Verne Sheppard

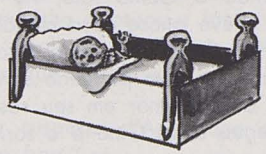
Teatro de Marionetes



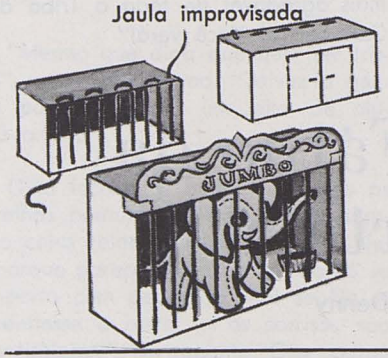
Já assistiu a última peça do teatro de marionetes? Façamos algo ainda melhor. Vamos apresentar nosso próprio espetáculo de marionetes no quintal. Corte um quadrado no fundo de uma caixa de papelão, depois retire um dos lados, como mostra o desenho. Agora vá buscar suas bonequinhas e marionetes e terá um bom palco preparado.

Sua bonequinha está com sono? Faça uma cama bonitinha para ela. Basta arranjar uma caixa de papelão pequena. Depois apanhe quatro prendedores de roupa e ponha um em cada canto, como na figura. Coloque um travesseirinho na caixa e pronto, a bonequinha já pode tirar uma boa soneca.

Cama de boneca



Jaula improvisada



Arranje uma caixa de qualquer tamanho, sem tampa, e faça furos na beira mais comprida, dos dois lados. Depois passe um cadarço ou fio de lã pelos furos, para formar as barras da jaula. Se quiser uma jaula de circo, corte uma tira de papelão colorido do tamanho da caixa e enfeite com desenhos ou recortes. Cole-a depois no alto da jaula. Faça uma portinha na parte de trás, para enfiar os animais.

Carrinho de brinquedo

Vamos levar nossos brinquedos para passear? Pegue uma caixa pequena e faça dois furos num dos lados. Depois apanhe uma cordinha, enfie através dos buracos e faça um nó. Ponha dentro sue ursinho e sua boneca para dar um passeio.



Seção das Crianças

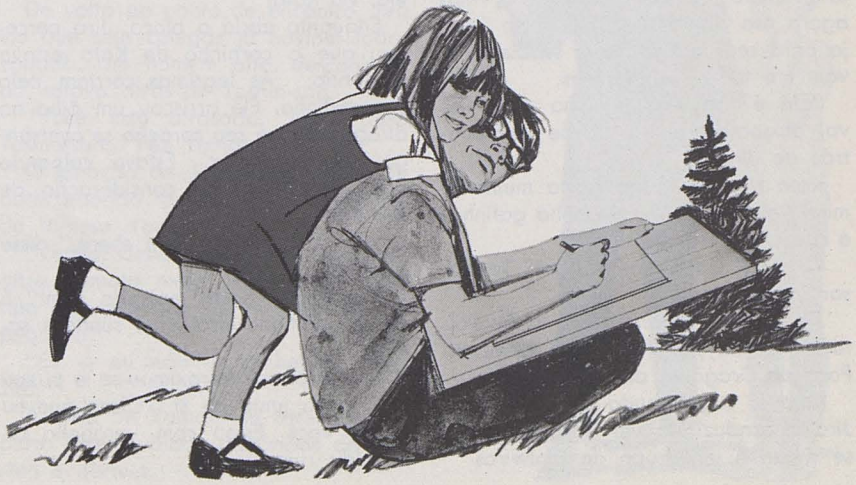
O Sonho de Jiro

Bernardine Beatie

Jiro e seus colegas pararam ao lado do professor de desenho, Toshio-san, no jardim superior da Vila Imperial. A cidade de Kyoto, circundada por verdes colinas, estendia-se a seus pés, brilhando à luz do sol da primavera. Jiro prendeu o fôlego diante do espetáculo e foi logo abrindo o bloco de rascunho.

"Espere, Jiro!" disse Toshio-san. E fêz os alunos reunirem-se ao seu redor. "Tenho uma surprêsa para vocês. Seus trabalhos de hoje serão julgados por Yamato. Êle prometeu dar aulas grátis ao aluno cujo desenho fôsse considerado o mais prometedor."

Um côro de vozes animadas comemorou a notícia. Apesar de os garôtos terem ouvido dizer muitas vêzes que



Yamato era um professor exigente, estavam ansiosos por ganhar. Yamato era um dos melhores artistas e professôres do Japão.

Os olhos de Jiro brilharam. Estudar com Yamato seria a realização de seu maior sonho.

"Apanhem seus blocos de rascunho e vão desenhar. Voltem aqui dentro de uma hora," disse Toshio-san.

Jiro resolveu fazer um dos pinheiros que havia perto do Poço do Dragão. Yamato sempre pintava pinheiros em seus quadros.

O som de uma vòzinha infantil, chamando-o, trouxe Jiro de volta à realidade. Uma menininha esquivou-se por entre o grupo de estudantes e atirou-se aos braços de Jiro. O garôto conteve um gemido. Era Kata, sua sobrinha. Por sôbre as cabeças dos colegas Jiro viu seu irmão Rikizo. "Nós nos perdemos da turma. Vamos encontrá-los e logo voltaremos."

Jiro abriu a bôca para dizer que não podia olhar Kata agora, mas Rikizo e sua espôsa já haviam-se afastado correndo.

Jiro cerrou o cenho. Em geral gostava muito de cuidar de Kata, mas agora era diferente. Olhou com inveja para seus amigos, que se dispersavam em tôdas as direções.

"Ela é tão pequenininha que não vai atrapalhar muito", disse Toshio atrás de Jiro.

Kata riu alto. "Jiro gosta muito de mim", disse ela. "Êle desenha gatinhos e cachorrinhos para mim."

"Gatos? Cachorros?" disse Toshio-san descontente.

Jiro corou. "Quando meu irmão voltar, diga-lhe por favor que estou no Poço do Dragão", disse depressa.

Kata ia tagarelando feliz enquanto Jiro a conduzia a um lugar de onde se avistava um grupo de pinheiros.

"Sente-se aqui", disse Jiro, colocando-a ao seu lado.

"Quero um gatinho — desenhe um gatinho para mim!" pediu Kata, atravessando-se sôbre o bloco de rascunho de Jiro e sorrindo para êle.

"Não, Kata!" disse Jiro impaciente, empurrando-a para trás. "Por favor fique quietinha e não fale — tenho que fazer um trabalho!"

Os olhos de Kata se arregalaram de surprêsa. Nunca em sua pequena vida Jiro recusara-se a desenhar para ela. "Por favor", pediu.

"Quietinha, Kata!" disse Jiro com raiva.

'Quero a mamãe!" disse Kata com uma vozinha chorosa.

Os olhos de Jiro dardejaram. "Bem que gostaria que sua mãe estivesse com você! Mas já que está aqui, tem que se comportar!"

Sem mais aquela, ficou em pé e começou a correr pelo caminho, tão de pressa quanto podia. Jiro saltou atrás dela e agarrou-a pelos ombros, carregando-a de volta. Depois colocou-a com fôrça no chão. "Se não se comportar, dou-lhe uns tapas — dou mesmo, viu Kata!"

Enquanto abria o bloco, Jiro percebeu que o corpinho de Kata estava tremendo. As lágrimas corriam pelo sue rostinho. Êle arriscou um ôlho na direção dela e seu coração se confrangeu de vergonha. Estava culpando Kata pela falta de consideração de seu irmão.

"Por favor, Kata. Não chore," disse Jiro.

"Você não gosta mais de mim!" E de seu peitinho brotavam sentidos soluços.

Jiro suspirou. Aproximou-se e puxou Kata para junto de si. "Claro que eu adoro você. Estou com vergonha de ter sido ruim."

ram a fazer todos os tipos de caras engraçadas. E pouquinho por pouquinho viram que as carrancas do Gênio não eram mais tão feias como antes.

Certo dia Gino desenhou uma cara horrível, com uma carranca pavorosa, e pôs em baixo o nome de Névoa. Névoa desenhou uma de Gino, com as sobrancelhas bem juntas, do jeito que Carrancudo ficava sempre. Depois, ambos fizeram um desenho de Carrancudo com olhos alegres e um sorriso que ia de orelha a orelha. Deixaram êsses seixos virados para cima, do lado de fora da casa de Carrancudo.

Quando o Gênio saiu, viu as três caras. Estêve quase para chutar a primeira, a de Névoa, mas abaixou-se e apanhou-a. Um pequeno sorriso começou a se formar em seu rosto. Depois pegou a de Gino e o sorriso aumentou um pouco. Mas quando viu a sua cara, olhou-a muito sério. Virou-a de um lado e de outro e depois caiu mesmo na risada.

Na manhã seguinte, quando saiu, havia uma grande pedra chata em frente a sua porta. Ela tinha o desenho de um coração com um papel grudado, que dizia: "Por favor, venha a uma festa em nossa casa amanhã às 3 horas. Viremos buscá-lo. Seus amigos, Névoa e Gino."

Os dois acharam que Carrancudo não viria, mas quando chegaram à árvore torta o Gênio estava esperando. Tinha uma enorme carranca, mas disse: "Resolvi ir com você para que parem de me atormentar. Gostei do desenho que fizeram de mim sorrindo. Talvez eu aprenda a ser agradável e goste disso, mas não sei não." Gino e Névoa riram quando o Gênio sorriu tìmidamente para êles.

"Temos certeza que você conseguirá", disseram. "Vai ser o cata-seixos mais agradável de tôda a Tribo dos Cata-Seixos! Você verá!"

O Fôgo Fátuo da Antártida

Alma C. Denny

Se alguém lhe dissesse que há um lugar no mundo onde o nariz das pessoas brilha às vêzes como um fogo fátuo, duvido que acreditaria. No entanto, é mesmo verdade.

Lá na Antártica, certos dias, o vento sopra neve carregada de eletricidade e os objetos pontudos brilham com uma luz azulada! Êsses objetos podem ser um nariz, uma tôrre de rádio ou qualquer outra coisa pontuda.

Os marinheiros conhecem essa luz fantástica há séculos. Chamam-na de "Fogo de Santelmo".

sorrisse apenas um pouquinho, todos os dias, acabaria achando muito fácil."

"Não vou tentar, não senhor. Não quero saber de sorrir. E agora, fora daqui!"

"Se mudar de idéia, nós ficaremos contentes de ser seus amigos", disse Névoa. E depois ela e Gino saíram, deixando o Gênio Carrancudo a fazer caretas para o ar.

No dia seguinte, esconderam-se num lugar de onde podiam enxergar a árvore torta e o espaço ao redor dela. Viram Carrancudo catando pedrinhas, virando-as para cima e procurando com muita atenção os brotos de samambaia.

"Fico triste só de pensar que êle vive ali sòzinho, tão infeliz", disse Gino.

"Mesmo que diga que quer ser triste", concordou Névoa. "Talvez a gente possa imaginar um jeito de ajudá-lo."

Gino fechou os olhos e abanou as orelhas pontudas. "Teria de ser alguma coisa relativa a seixos", disse êle, "porque parece que Carrancudo só se importa com pedrinhas. Ah! se êle aprendesse a sorrir — os sorrisos são contagiosos!" De repente. Gino parou de falar. "Já sei! Podemos usar seus lápis de côr, Névoa?"

Névoa fêz que sim e sentou-se para ouvir o plano de Gino.

Na manhã seguinte, muito cedo, os dois desceram de mansinho até a macieira torta. Ouviram os roncos que vinham do ôco da árvore e viram que o Gênio Carrancudo ainda dormia Aí então caminharam pé ante pé até o lugar onde o elfo apanhava os seixos.

Tiraram lápis de côr dos bolsos e desenharam caras risonhas nas pedras mais lisinhas. Depois deixaram tôdas viradas para baixo e se esconderam por perto, nuns arbusos.

Após algum tempo o Gênio saiu da árvore e caminhou carrancudo até onde estavam as pedras. Névoa e Gino viram quando êle apanhou os primeiros seixos e virou-os para cima. E viram quando êle fuzilou com os olhos uma pedrinha e atirou-a longe. Fêz o mesmo com todos os outros seixos sorridentes que encontrou.

Gino suspirou: "Acho que a idéia não foi boa."

"Mas é. Não vamos desistir. Continuaremos até que, uma hora, êle terá de sorrir!" disse Névoa.

Assim, tôdas as manhãs os dois elfinhos desenhavam sorrisos nos seixos. Às vêzes escreviam palavras — "Oi, Alô!" Mas todos os dias Carrancudo os atirava fora.

Então Névoa disse: "Acho que Carrancudo está começando a gostar da brincadeira. Agora êle já corre para procurar os seixos."

No dia seguinte Gino desenhou um crocodilo sorridente. Quando Carrancudo o viu, ergueu uma sobrancelha e o canto de sua bôca levantou um pouquinho. Névoa quase gritou.

Depois disso, Gino e Névoa passaram

Os soluços de Kata pararam e ela deu a Jiro um sorrisinho tremido. "Desenhe um gatinho para mim", pediu.

"Bom," disse êle, "afinal, eu desenho gatos melhor que pinheiros, mesmo!"

Kata riu deliciada quando Jiro desenhou ràpidamente um gatinho engraçado, com a bôca aberta num bocejo.

"Um gatinho dorminhoco!" gritou Kata.

Jiro sorriu, absorvido agora no prazer de desenhar. Fêz um gato feliz, depois um zangado. E riu com Kata quando acabou o outro, um gatinho enroscado como uma bola numa almofada.

"Você está aí, Jiro?" gritou Rikizo.

Kata deu um abraço em Jiro e correu para perto da mãe.

"Arigato (muito obrigada)!" disse a mãe de Kata. "Espero que não tenhamos causado nenhum transtôrno."

Jiro se ergueu e curvou-se educadamente. Não adiantava nada dizer que perdera a oportunidade de estudar com o grande Yamato. Olhou para o relógio. Havia-se passado uma hora.

De volta ao ponto de encontro, Jiro viu que seus colegas já haviam todos voltado. Um homem alto, desconhecido, estava atrás de Toshio-san.

"Você está atrasado, Jiro," disse Toshio-san. "Fêz Yamato esperar."

O coração de Jiro quase parou de bater quando fitou os olhos brilhantes do famoso Yamato.

"Venha! Deixe-me ver seu desenho!" disse Yamato meio impaciente." Que tipo de pinheiro fêz — grande ou pequeno?"

"Eu — eu não fiz pinheiro", disse Jiro.

A mão de Yamato se estendeu rápida. Tirou o bloco das mãos do garôto e abriu-o.

As orelhas de Jiro queimaram quando Yamato deu um assovio e caiu na risada.

"Eu — eu queria desenhar um pinheiro," gaguejou, "mas minha sobrinha queria gatos."

"Então agradeça sua sobrinha", exclamou Yamato. "Todos fizeram pinheiros! Mas êstes," Yamato ergueu os desenhos de Jiro para que os outros vissem, "êstes gatos têm originalidade — prometem. Não são apenas cópias de meus pinheiros." Depois voltou-se para Jiro e disse: "Passe por meu estúdio amanhã após as aulas — seu desenho ganhou!"

Os olhos de Jiro se arregalaram de alegria. **"Arigato!"** disse, curvando-se para Yamato. Depois riu alto. Mal podia esperar para chegar em casa e dar a Kata um enorme abraço, e desenhar para ela muitos gatos — centenas de gatos, todos felizes!





O Elfo Cata-Seixos

Solveig Paulson Russell

Gino e Névoa eram dois elfinhos* comuns, que moravam não muito longe de uma árvore torta, uma grande macieira brava.

Tinham olhinhos brilhantes e prestavam muita atenção às coisas. Foi por isso que notaram que havia alguma coisa diferente na árvore torta, quando passaram por ela num dia nevoento.

"Aquela árvore está-se inclinando cada vez mais — como se quisesse proteger alguma coisa sob ela. Vamos lá ver", disse Gino.

Pouco antes de chegarem à árvore pararam surpreendidos. Encostado ao tronco com ar nerastênico e desanimado estava sentado um outro elfo, bem mais velho e muito carrancudo.

"Nós não sabíamos que morava alguém aqui", disse Gino educadamente.

"Como se chama o senhor?", perguntou Névoa.

O velho elfo olhou para cima irritado. "Não é da sua conta", disse com maus modos, "mas vou responder. Meu nome é Gênio Carrancudo e sou um elfo cata-seixos. Minha tribo muda de lugar com as estações, mas quando foram-se embora, no último outono, mandaram-me ficar aqui. Voltarão de nôvo no próximo verão."

"Cata-seixos? Nunca ouvi falar nêles", disse Névoa.

O elfo mais velho deu-lhes um olhar penetrante: "Nunca ouviram falar dos cata-seixos! Vocês não são muito espertos, então. Os cata-seixos passam a maior parte do tempo virando pedrinhas a procura de brotos de samambaia. Brotos de samambaia dão um mingau muito apreciado pelos cata-seixos e é por isso que os comemos bastante. Minha tribo deixou-me aqui porque acham que sou muito mal-humorado e carrancudo e pensam que se ficasse sòzinho todo o inverno poderia melhorar. Mas não melhorarei, não. Sou assim mesmo e não quero saber de mudar!" Carrancudo fechou tanto a carranca que seus olhos pareciam dois tracinhos.

"Talvez a gente possa ajudá-lo a ser mais agradável", sugeriu Gino. "Se



* Elfo: Gênio da mitologia escandinava.

Examine as Escrituras

Lowell L. Bennion

Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim." (João 5:39.)

Estas palavras de Jesus são reforçadas por conselho semelhante de Paulo a Timóteo:

"Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que fôste inteirado, sabendo de quem o aprendeste.

"E que desde a infância sabes as lêtras que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus

"Tôda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para tôda a boa obra." (2 Timóteo 3:14-17.)

Existem boas razões para que os professôres de doutrina ensinem seus alunos a ler as Escrituras. Elas são as únicas fontes autorizadas de doutrina da Igreja, dentre todos os livros publicados a respeito do mormonismo. Nenhuma outra obra foi aceita pela Igreja como canônica ou padrão.

Êsses livros foram escritos por homens de Deus — grandes personalidades como Amós, Isaías, Jeremias, Paulo, Alma, Mórmon, Moroni e o profeta Joseph Smith. Falam-nos de maneira direta, pessoal, positiva e autorizada. Nas Escrituras está registrado tudo o que se sabe sôbre a vida e ensinamentos do Mestre e Filho de Deus. Elas expõem os princípios da vida e da salvação de forma colorida e variada.

São vivas e interessantes, repletas de grandes personalidades, episódios movimentados e dramáticos, histórias, parábolas e incidentes, canções, provérbios e sermões, relatos históricos e alguns casos de amor, guerra e paz, amor e ódio, intriga e idealismo. Quase todos os tipos de debilidade e fôrça humana são retratados em linguagem a maior parte das vêzes atraente e inspiradora.

Nesta era de espectadores, ouvintes e perseguidores de divertimentos, muitos dos próprios membros da Igreja são ignorantes das Escrituras. E, no entanto, a leitura dêsses livros pode ser emocionante para jovens e velhos. Apresentamos a seguir algumas sugestões para interessar os alunos no estudo e leitura das Escrituras.

NA ESCOLA DOMINICAL

(1) Adquira um número suficiente de volumes baratos das obras-padrão, para que todos os alunos, numa classe de tamanho médio, possam ter um dêles à mão. Ou procure fazer com que cada aluno compre um livro e mantenha-o guardado na biblioteca da ala, a fim de acompanhar as aulas.

(2) Ao invés de fazer uma preleção sôbre a vida de Pedro, por exemplo, o professor pode procurar capítulos interessantes do Nôvo Testamento que falem dêsse apóstolo (como Mateus 16, João 13, Lucas 22 e 24, Atos 2,3 e 10). Antes de fazer as designações, desperte a curiosidade da classe a respeito de Pedro. Desafie o aluno a ler o capítulo e analisar o caráter do apóstolo através dêle. Quando os participantes apresentarem seus comentários, relacione os traços da personalidade de Pedro no quadro-negro.

Para incentivar o estudo das Escrituras, faça uma pergunta ou proponha um problema, depois designe trechos de leitura nos quais os alunos possam encontrar a resposta ou a solução. Êles demonstram mais interêsse em estudar quando têm uma meta objetiva, um tema definido de pesquisa.

(3) Muitos versículos de Escritura podem ser aproveitados para abrir ou encerrar uma lição, ou mesmo para construir-se uma aula inteira em tôrno dêles.

"Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Marcos 8:36.)

"Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas." (Mateus 6:24.)

"Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem." (Romanos 12:21.)

"...Porque a lêtra mata, mas o espírito vivifica." (2 Coríntios 3:6.)

Preste aos alunos esclarecimentos para compreenderem o significado das passagens escolhidas. Ponha-os à prova e incentive-os a usar a imaginação e o espírito criador.

(4) Simples palavras podem muitas vêzes despertar a curiosidade dos alunos. Principie a aula um domingo pedindo definições e explicações de palavras encontradas nas Escrituras. Procure estar preparado para explicar e ilustrar. Por exemplo, analise o significado de palavras como **amor, fé, salvação, vida eterna, temor.**

Eterno, por exemplo, é empregado nas Escrituras tanto no sentido quantitativo como no qualitativo. Em alguns lugares significa **vida eterna,** ou seja, sem princípio ou fim (quantitativo); em outros contextos, tais como o de João 17:3, **eterno** quer dizer **semelhante a Deus** (qualitativo). Pode-se desenvolver uma aula completa em tôrno da análise dessa simples palavra, da forma como é empregada nas Escrituras e em sua aplicação à nossa vida.

(5) Incentive os participantes a decorar trechos da Escritura. Naturalmente, êles só terão valor para os alunos se conseguirem compreender, através de pesquisa ou debate, o significado real daquilo que irão decorar. E a passagem não pode ser longa nem difícil demais. Faça os alunos repetirem-na em conjunto e de forma expressiva durante a aula.

Acompanhamento ao Orgão para as Jóias Sacramentais



Joias Sacramentais

Escola Dominical Sênior

Jesus disse: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração." (Mateus 22:37.)

Escola Dominical Júnior

Jesus disse: "...Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim." (Lucas 22:19.)

Estela 5:



A Pedra de Lehi

Richard O. Cowan

Quando Lehi e sua colônia estavam acampados no Vale de Lemuel, às margens do Mar Vermelho, Lehi teve uma extraordinária visão ou sonho. Contemplou uma árvore cujo fruto era extremamente apetitoso. Viu também uma barra de ferro ao lado do caminho que levava à árvore e, para além, um profundo abismo. Afastado dali ficava um grande edifício. (Vide Néfi 8.) O filho de Lehi, Néfi, recebeu uma visão subseqüente, na qual ficou conhecendo mais detalhes sôbre o que seu pai havia visto. (Vide 1 Néfi 11-15.) A árvore representava o amor de Deus, enquanto que sua palavra era simbolizada pela barra que, se segura com firmeza, permitir-lhes-ia usufruir dos frutos do Evangelho. O grande edifício representava o orgulho.

Lehi viu vários grupos de pessoas em seu sonho. Um dêles (1 Néfi 8:31-33) buscava apenas interêsses materiais; alguns alcançavam êsse objetivo, enquanto outros se perdiam. Outro grupo (vide 1 Néfi 8:21-23) manifestava inclinações espirituais mas, não tendo-se agarrado à barra da fé, perdia-se em meio a tentações. Outros ainda (vide 1 Néfi 8:24-28), tendo a palavra de Deus como guia, puderam atingir a meta, mas caíram devido a preocupações mundanas e não perseveraram até o fim. Dessa forma, Lehi aprendeu a importância de perseverar na fé, para participar dos frutos do amor de Deus, o maior dos quais é a vida eterna. (Vide Doutrina e Convênios 14:7.)

A respeito dêsses canais especiais de revelação, escreveu o élder James E. Talmage: "Visões e sonhos constituíram a forma de comunicação entre Deus e os homens em tôdas as dispensações do Sacerdócio."[1]

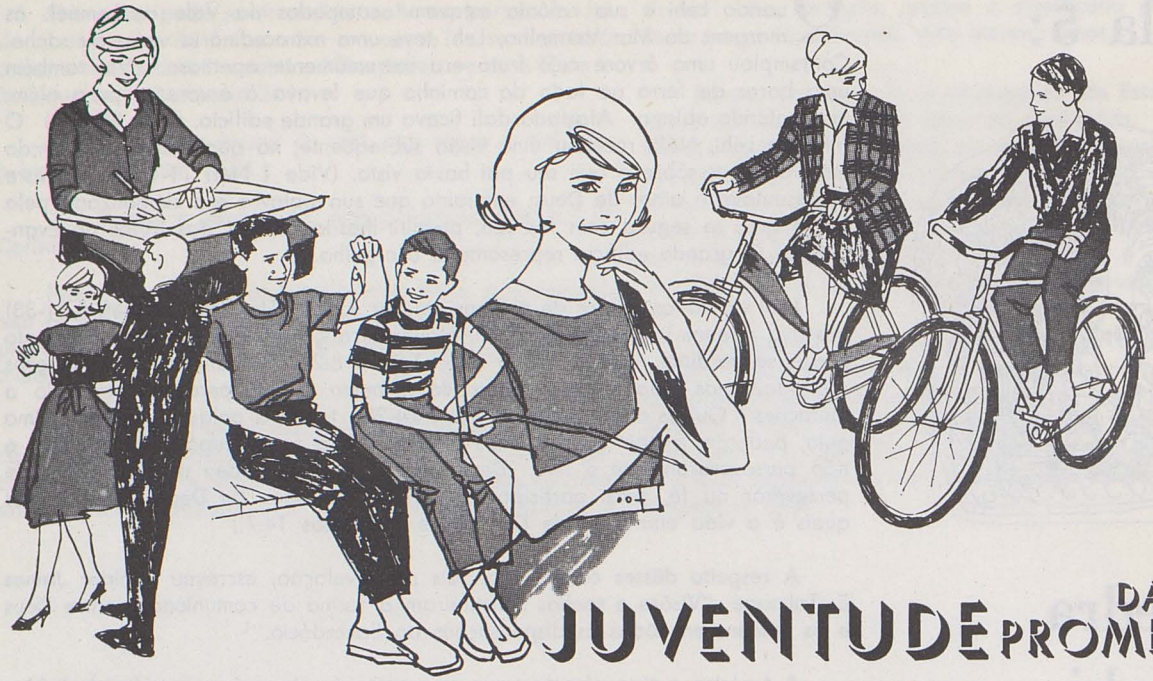
A América antiga oferece nova representação da visão ou sonho de Lehi e da árvore da vida. Em 1941 os arqueólogos desenterraram uma estela ou monumento de pedra em Izapa, Chiapas, no sudeste do México. Trata-se de um monumento de 3 m de altura, 1,50 m de largura e 60 cm de espessura. Os cientistas denominaram-na "Estela 5" e publicaram pela primeira vez a sua descrição em 1943. O dr. M. Wells Jakeman, do Departamento de Arqueologia da BYU, ficou impressionado com as semelhanças entre as gravações encontradas nessa pedra e os registros que falam da visão de Lehi e analisou-as em diversos livros e artigos.[2] Em 1958 os arqueólogos da BYU fizeram uma moldagem da pedra e existe hoje uma réplica em tamanho natural da Estela 5 exposta naquele departamento.

O gráfico que acompanha êste artigo, extraído de um desenho do dr. Jakeman, ilustra detalhes das gravações da estela. A figura central é a árvore, ao redor da qual são encontradas seis personagens. Um velho (1) em atitude de adoração e pregação. A pessoa sentada a seu lado segura sôbre a cabeça do velho um emblema esculpido simbolizando o crocodilo (2), que na antiga tradição indígena era muitas vêzes empregado como símbolo-título do "grande pai", o qual acreditava-se ter vindo com sua família habitar a terra após uma legendária "grande inundação" e que era tido como o primeiro ancestral dos antigos guatemaltecos.[3] Além disso, um detalhe notório dêsse símbolo é uma grande mandíbula; o nome hebraico Lehi é definido como **mandíbula, queixada** ou **face.**

Atrás do velho há uma figura feminina (3).[4] Seu penteado corresponde aos utilizados no Velho Mundo como símbolo de realeza; deve-se lembrar que o nome Saríah significa "princesa de Jeová".[5] Outra personagem de grandes proporções (4), cuja barba clara significa provàvelmente juventude, parece estar escrevendo. O relato do sonho foi registrado por Néfi, a quem o Livro de Mórmon descreve como "sendo muito jovem, apesar da grande estatura." (1 Néfi 2:16.) Nas gravações os cabelos da figura lembram muito os do Deus egípcio dos cereais, Nepi.[6] O jovem parece estar sendo auxiliado por outro (5), que pode corresponder à pessoa de Sam no Livro de Mórmon. Finalmente, duas outras personagens (6 e 7) estão mais próximas do velho, talvez demonstrando sua anterioridade na família; ao mesmo tempo, contudo, suas costas estão voltadas para a árvore, o que pode simbolizar rejeição daquilo que ela representava.[7] É evidente o paralelo com Lamã e Lemuel. Na gravação original da pedra, um dos traços mais definidos é um entalhe profundo (8) que pode ser uma representação da barra de ferro.[8]

NOTAS

1. James E. Talmage, *Regras de Fé*, 14.ª edição; A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Salt Lake City, Utah, 1925; página 226.
2. Vide *Izapa Stela 5 and the Book of Mormon*, por M. Wells Jakeman, *The Instructor*, dezembro de 1961, página 410. Mais detalhes em *Stela 5 as the Lehi Tree-of-Life Stone; a Reply to Recent Attacks*," por M. Wells Jakeman, *Newsletter of the S.E.H.A.* n.º 104, 27 de novembro de 1967, páginas 2-11 (publicado pelo Departamento de Arqueologia, Universidade de Brigham Young).
3. *Stela 5, Izapa, Chiapas, Mexico (A Major Archaeological Discovery of the New World)* por M. Wells Jakeman: Departamento de Arqueologia da Universidade de Brigham Young, Provo, Utah, 1958; página 23. (Esta obra está esgotada, mas existe em bibliotecas.)
4. *Op. cit.*, págs. 32,33.
5. *Op. cit.*, pág. 37.
6. *Op. cit.*, pág. 40.
7. *Op. cit.*, pág. 58.
8. *Op. cit.*, pág. 58.



JUVENTUDE DA PROMESSA

Tragédia ou Destino?

Spencer W. Kimball

Tem havido muitas tragédias ùltimamente e como tantos parecem culpar o Senhor por essas assim chamadas desgraças, e ficam frustrados com o que consideram uma calamidade, desejo tecer alguns comentários que, espero, ajudem a aliviar tensões, estimulem o pensamento lógico e possìvelmente respondam, pelo menos **em parte,** algumas perguntas formuladas com tanta freqüência e tão poucas vêzes respondidas.

O jornal clama nas manchetes:

ACIDENTE AÉREO MATA 43, NENHUM SOBREVIVENTE NA TRAGÉDIA DA MONTANHA.

E milhares de vozes protestam em côro:

"POR QUE O SENHOR PERMITIU QUE ESSA COISA TERRÍVEL ACONTECESSE?"

Nasce uma criança retardada. Nunca poderá ter uma vida normal. Por que? Por que o Senhor permitiu que ela fôsse assim marcada, desfavorecida?

Gostaria de poder responder a essas perguntas. Algum dia compreenderemos e nos tranqüilizaremos.

As conclusões apresentadas a seguir são de minha própria autoria e assumo inteira responsabilidade por elas.

Posso formular algumas perguntas?

Foi o Senhor quem atirou o avião contra as montanhas, para ceifar as vidas de seus ocupantes, ou foram os erros técnicos e falhas humanas?

Deus pode evitar tragédias? A resposta é, SIM. O Senhor é onipotente para controlar nossas vidas, poupar-nos dor, evitar acidentes, pilotar todos os aviões e carros, alimentar-nos, proteger-nos, livrar-nos do trabalho, esfôrço, doença e mesmo da morte.

Mas é isso que queremos? Vocês resguardariam seus

filhos contra tôdas as fadigas, desilusões, tentações, tristezas e sofrimentos?

A lei básica do Evangelho é o livre arbítrio. Forçar-nos a ser cuidadosos ou justos seriam nulificar aquela lei fundamental, impossibilitando o desenvolvimento.

Não há sabedoria em Deus dar-nos provações para que possamos sobrepujá-las, responsabilidades a fim de que as executemos, trabalho para fortalecer-nos os músculos e tristezas que purificam nossas almas? Não permite que soframos tentações para testar nossa resistência, doença para aprendermos paciência e morte para que possamos ser imortalizados e glorificados?

No início o Criador explicou a Moisés:

"...Satanás (rebelou-se) contra mim e (procurou) destruir o livre arbítrio do homem, que Eu, o Senhor, lhe tinha dado... (Moisés 4:3.)

"E o Senhor falou a Adão, dizendo: Visto que teus filhos se concebem no pecado, mesmo quando êles começam a crescer, o pecado concebe-se em seus corações, e provam do amargo, para saber como apreciar o bem.

"E é dado a êles conhecer o bem e o mal; de modo que são SEUS PRÓPRIOS ÁRBITROS... (Moisés 6:55-56.)

OS QUE "MORREM NO SENHOR"

Evidentemente, o Senhor nem sempre considera a morte como uma maldição ou uma tragédia, pois disse:

"...bem-aventurados os que morrem no Senhor... (D. & C. 63:49.)

A vida prossegue, o livre arbítrio continua e a morte, que aparentemente é uma calamidade tão grande, pode ser uma bênção disfarçada.

Melvin J. Ballard escreveu:

"Perdi um filho de seis anos de idade e o contemplei já homem feito no mundo espiritual, após sua morte. Vi que tinha liberdade de escolha e que poderia por sua livre e espontânea vontade obter uma companheira e, no devido tempo, a êle e a todos os que fôssem dignos, seriam conferidas as bênçãos e privilégios dos selamentos na Casa do Senhor... (**Three Degrees of Glory,** por Melvin J. Ballard.)

Afirmar que a morte prematura é uma calamidade, um desastre ou uma tragédia não é o mesmo que dizer que a mortalidade é preferível a uma entrada antecipada no mundo espiritual e, eventualmente, na salvação e exaltação? Se a mortalidade fôsse um estado perfeito, a morte seria uma frustração, porém o Evangelho ensina-nos que não há tragédia na morte, mas tão-sòmente no **pecado.**

Falei nos funerais de um estudante que morreu durante a II Guerra Mundial. Muitos milhares de rapazes haviam passado prematuramente desta vida para a eternidade, devido às devastações da guerra, e eu afirmei crer que êsse jovem justo havia sido chamado ao mundo espiritual para pregar o Evangelho a essas almas desfavorecidas.

Na visão da "Redenção dos Mortos", o presidente Joseph F. Smith viu exatamente isto.

A 3 de outubro de 1918 achava-se sentado estudando as Escrituras, particularmente as palavras da epístola de Pedro concernentes aos antediluvianos. Escreveu êle:

"...Ponderando sôbre as coisas que estão escritas, abriram-se os olhos da minha compreensão, o Espírito do Senhor pousou sôbre mim e eu vi as hostes dos mortos...

"Enquanto essa vasta multidão de justos aguardava e conversava, rejubilando-se com a hora de sua libertação ...o Filho de Deus apareceu, proclamando a liberdade aos cativos que haviam sido fiéis e pregou-lhes ...a redenção da queda, para a humanidade, e dos pecados individuais, condicionada ao arrependimento Mas não apareceu entre os iníqüos e entre os incrédulos e renitentes, que se haviam corrompido na carne, sua voz não se fêz ouvir; nem os rebeldes, que rejeitaram os testemunhos e advertências dos antigos profetas, usufruíram sua presença ou contemplaram sua face...

"E enquanto assistia admirado, ...percebi que o Senhor não apareceu em pessoa aos iníqüos e desobedientes, que haviam rejeitado a verdade ...mas eis que organizou suas fôrças entre os justos ...e comissionou-os a levar a luz do Evangelho...

"...Nosso Redentor passou seu tempo ...no mundo espiritual instruindo e preparando os espíritos fiéis, ...que haviam testificado dêle na carne, para que pudessem levar a mensagem da redenção a todos os mortos que não poderia visitar pessoalmente, devido a sua rebeldia e transgressão..."

Prossegue êle:

"Entre os grandes e poderosos reunidos nessa enorme congregação de justos estavam o Pai Adão... Eva, com muitas de suas filhas fiéis, ...Abel, o primeiro mártir, ...Sete ...Noé ...Sem, o grande sumo-sacerdote; Abraão, ...Isaque, Jacó e Moisés... Ezequiel... Daniel... Todos êsses e muitos mais, inclusive os profetas que habitaram entre os nefitas ...O profeta Joseph Smith e meu pai, Hyrum Smith, Brigham Young... e outros espíritos privilegiados... no mundo espiritual. Observei que êsses eram os que haviam estado também entre os grandes e nobres, escolhidos no princípio para governar a Igreja de Deus....

"Vi que os élderes fiéis desta dispensação, quando deixam a vida mortal, continuam sua obra de pregação do Evangelho do arrependimento e redenção... (**Gospel Doctrine**, Por Joseph F. Smith, pgs. 472-476.)

A morte pode, então, abrir as portas a grandes oportunidades. Assim sendo, essa visão responde algumas das perguntas.

SE TODOS FÔSSEM CURADOS

Também vemos muitos que criticam quando morre um justo, um pai ou mãe jovem é separado de sua família, ou quando ocorrem mortes violentas. Alguns se amarguram quando orações constantemente repetidas parecem não receber resposta. Outros perdem a fé e se desencantam quando as solenes ministrações de homens santos permanecem ignorados e não se obtém resultado algum com repetidos círculos de oração. Mas, se todos os doentes fôssem curados, se todos os retos fôssem protegidos e os iníqüos destruídos, o inteiro programa do Pai seria anulado e o princípio básico do Evangelho, o livre arbítrio, se extinguiria.

Se dor, tristeza e punição se seguissem imediatamente à prática do mal, ninguém repetiria um êrro. Se ao praticante do bem fôssem instantâneamente concedidas alegria, paz e recompensa, não poderia existir o mal — todos praticariam o bem, e não por amor à justiça. Não haveria teste para nossa fôrça, nem desenvolvimento do caráter, nem aumento de podêres, nem livre arbítrio, mas apenas contrôle diabólico.

Se tôdas as orações fôssem atendidas imediatamente, de acôrdo com nossos desejos egoístas e limitada compreensão, haveria muito pouco ou nenhum sofrimento, tristeza, decepção e mesmo morte e, sem isso, não haveria

também alegria, sucesso, ressurreição, vida eterna e divindade.

"Porque é necessário que haja uma oposição em tôdas as coisas, . . . (retidão . . . iniqüidade), (santidade . . . miséria), (bem . . . mal . . .). (2 Néfi 2:11.)

O Senhor assegura que os doentes serão curados se a ordenança fôr realizada, se houver fé suficiente e êles não estiverem "designados para morrer." (D. & C. 42:48) Existem aqui três fatôres. Muitos não se sujeitam às ordenanças. Grande número de outros não querem ou são incapazes de ter fé suficiente. Mas é o outro fator que se destaca em importância: "Se não estiverem designados para morrer." Todos os atos de Deus têm um propósito. Êle vê o fim desde o princípio. Sabe o que nos edificará ou destruirá, o que perturbará o plano e o que nos permitirá triunfo final.

PODER IRRESTRITO E VISÃO LIMITADA

O poder do Sacerdócio é ilimitado, mas Deus colocou sàbiamente sôbre cada um de nós certas limitações. Posso desenvolver o poder do Sacerdócio na medida em que aperfeiçoar minha vida. Estou grato por não conseguir, mesmo através do Sacerdócio, curar todos os doentes. Talvez salvasse pessoas que deviam morrer. Talvez livrasse do sofrimento os que precisavam padecer. E receio que acabaria por frustrar os propósitos de Deus.

Se eu tivesse poder irrestrito e, apesar disso, visão e compreensão limitadas, talvez salvasse Abinadi das chamas quando foi queimado na fogueira e, assim fazendo, poderia prejudicá-lo de forma irreparável e limitá-lo a um reino inferior. Êle permaneceria na terra e talvez perdesse a fé, a coragem e mesmo a virtude, e, dessa forma, a exaltação.

Se meu poder fôsse ilimitado, teria livrado Paulo de suas penas. Curaria seguramente seu "espinho na carne" e poderia assim frustrar o plano e relegá-lo a glórias menores. Três vêzes êle suplicou a Deus em oração que removesse seu "espinho", mas o Senhor não atendeu suas preces. Paulo poderia ter-se perdido muitas vêzes se fôsse eloqüente, saudável, bem aparentado e livre das coisas que o tornaram humilde. Diz êle:

"E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me pôsto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte.

"Então êle me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçôa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sôbre mim repouse o poder de Cristo.

"Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando sou fraco, então é que sou forte." (2 Cor. 12:7, 9-10.)

A cura de Paulo poderia tê-lo arruinado.

Receio que se tivesse estado na cadeia de Carthage, a 27 de junho de 1844, teria desviado as balas que atingiram o profeta e o patriarca. Eu poderia tê-los salvo dos sofrimentos e agonia, porém afastado dêles a morte de mártir e seu galardão. Estou satisfeito de não ter precisado tomar essa decisão.

Com um poder assim ilimitado, eu teria seguramente protegido o Cristo contra os insultos, a coroa de espinhos, as indignidades que sofreu na côrte e as injúrias físicas. E talvez tivesse atingido seus perseguidores com um raio. Enquanto pendia da cruz, tê-lo-ia livrado, tratado de suas feridas e as curado, dando-lhe água fresca ao invés de vinagre. Poderia tê-lo salvo da morte e privado o mundo de um sacrifício expiatório, frustrando todo o plano.

Com poder ilimitado, teria também curado meu pai e minha mãe e talvez nunca os deixasse morrer.

Vocês ousariam assumir a responsabilidade de trazer de volta à vida seus próprios entes queridos? Eu hesitaria. Estou grato por poder sempre orar dizendo: "Seja feita a tua vontade em tôdas as coisas, pois tu sabes o que é melhor." Fico satisfeito por não ter de tomar essas decisões. Poderíamos levar nossos entes queridos à perda das faculdades, capacidades e a uma existência terrível.

MORTE — PARTE DAS EXPERIÊNCIAS DA VIDA

Todos devem morrer. A morte é parte importante da vida. Naturalmente, nunca estamos inteiramente preparados para a mudança. Desconhecendo quando deverá ocorrer, muito justamente lutamos por reter a vida.

Por que tememos tanto a morte? Oramos pelos doentes — ministramos aos aflitos — imploramos ao Senhor que cure, minore a dor, poupe a vida e adie a morte e é justo que o façamos, mas será tão amedrontadora assim a eternidade? Tão terrível?

O profeta Joseph Smith afirmou:

"O Senhor leva muitos ainda na infância, para que possam escapar à inveja dos homens e às dores e males dêste mundo; eram puros demais, adoráveis demais para viver sôbre a terra. Portanto, se analisarmos devidamente, ao invés de lamentar temos razão para rejubilar-nos quando são protegidos do mal. Nós os teremos novamente. A única diferença entre a morte do ancião e do jovem é que um vive mais tempo nos céus e na vida e glória eternas, e é libertado um pouco antes dêste mundo de misérias."

"Sim, e bem-aventurados os que morrem no Senhor, . . . pois surgirão de entre os mortos e não morrerão mais...

"E o que estiver vivendo quando o Senhor vier e tiver guardado a fé, bem-aventurado será; contudo, é-lhe designado morrer na idade do homem. (D. & C. 63:49-50.)

Nem todos são curados ou salvos, apesar de exercerem grande fé. Ouçam novamente o Senhor:

"E os élderes da Igreja, dois ou mais, serão chamados, e orarão por êles e lhes imporão as mãos em meu nome; e, se morrerem, morrerão em mim, e, se viverem, viverão em mim.

"Juntos habitareis em amor, tanto que chorareis a perda dos que morrerem, e mais especialmente dos que não têm esperança duma ressurreição gloriosa.

"E acontecerá que os que morrem em mim não provarão esta morte, pois ser-lhes-á doce;

"Mas os que não morrem em mim, ai dêles, pois amarga é a sua morte.

"E outra vez, acontecerá que aquêle que tiver fé em mim para ser curado e não estiver designado para morrer, será curado." (D. & C. 42:44-48.)

"Se não estiver designado para morrer!" Esta afirmação é um desafio.

Tenho certeza de que existe uma hora para se morrer. Não sou fatalista. Creio que muitas pessoas morrem antes "da hora", devido a descuido, abuso da saúde ou correndo riscos desnecessários, expondo-se a perigos, acidentes e doenças.

Na revelação moderna lê-se:

"...é da minha vontade que o meu servo Lyman Wight continue pregando para Sião... e o erguerei como que em asas de águias;...

"Para que, quando terminar o seu trabalho, eu o receba para mim mesmo, assim como recebi o meu servo David Patten, que está comigo neste momento, e também o meu servo Edward Partridge, assim como o meu servo idoso Joseph Smith (pai), **que se assenta com Abraão** à sua direita, e bem-aventurado e santo é êle, pois é meu." (D. & C. 124:18, 19.)

Dizer que David Patten foi abençoado com o martírio não seria absurdo? É uma glória morrer pela causa! Foi-lhe assegurado o grande prêmio da exaltação, como o testemunham as palavras: "...Eu o receba para mim mesmo, assim como recebi o meu servo David Patten, que está comigo neste momento..."

Sôbre os antediluvianos, lemos:

"Queres seguir a rota antiga que os homens iníqüos pisaram?

"Êstes foram ARREBATADOS ANTES DO TEMPO: o seu fundamento uma torrente o arrasta.

"Diziam ao Senhor: Retira-te de nós. E: Que pode fazer-nos o Todo-poderoso? (Jó 22:15-17.)

E em Eclesiastes encontramos estas declarações:

"Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu:

"Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou." (Eclesiastes 3:1-2.)

"Não sejas demasiadamente perverso nem sejas louco; por que morrerias FORA DO TEU TEMPO?" (Eclesiastes 7:17.)

Creio que podemos morrer prematuramente, mas raras vêzes excedemos muito o tempo marcado, apesar de haver exceções.

Ezequias, um rei de Judá de 25 anos de idade, foi muito mais devoto que seus sucessores ou predecessores. E tinha uma hora determinada para morrer.

"Naqueles dias Ezequias adoeceu duma enfermidade mortal... e veio ter com êle o profeta Isaías... e lhe disse: Põe em ordem a tua casa, porque morrerás e não viverás."

Ezequias, amando a vida como todos nós, voltou o rosto para a parede e chorou amargamente:

"Lembra-te, Senhor, peço-te, de que andei diante de ti com fidelidade, com inteireza de coração, e fiz o que era reto aos teus olhos."

Era muito justo que Ezequias se apegasse à vida, como nós, e a protegesse. E o Senhor acedeu a seu pedido.

"...Ouvi a tua oração, e vi as tuas lágrimas; eis que eu te curarei...

"Acrescentarei aos teus dias quinze anos, e das mãos do rei da Assíria te livrarei. (2 Reis 20:1, 3, 5, 6.)

Assim, o Senhor modificou ligeiramente seu plano, concedeu a Ezequias mais quinze anos e libertou Judá da Assíria.

Abinadi também não pôde ser exterminado antes da hora:

"Não me toqueis, pois Deus vos ferirá... porque ainda não comuniquei a mensagem que o Senhor me ordenou... portanto, Deus não permitirá que eu seja destruído agora...

"Vêdes bem que não tendes poder para matar-me... (Mosía 13:3, 7.)

Êle foi plenamente protegido até que sua missão se cumprisse, depois permitiu-se que sofresse o martírio.

Lehi e Néfi, filhos de Helamã, que converteram milhares de almas, foram encerrados na prisão sem alimento. Seus perseguidores procuraram matá-los, mas êles foram circundados como que por fogo. E disseram destemidamente:

"Não podeis lançar mão de nós para nos matar."

A terra tremeu. Os muros da prisão sacudiram e uma voz,

"...que parecia vir de cima da nuvem de escuridão, ...(disse) não procureis mais destruir meus servos." (Helamã 5:26, 29.)

Muitas vêzes o Redentor afirmou: "Minha hora ainda não é chegada." Depois, ao se aproximar de Jerusalém pela última vez, anunciou a seus discípulos: "Minha hora É chegada." (Vide Marcos 14:41.)

Heber C. Kimball recebeu uma promessa invulgar do Senhor, demonstrando seu contrôle sôbre nossos destinos. Foi submetido a uma provação que, como a de Abraão, era quase inconcebível. Sem consôlo, e em grande perplexidade, importunou Joseph Smith para que inquirisse o Senhor, e o profeta recebeu esta revelação:

"Diga-lhe que vá e faça como lhe foi ordenado e se eu vir que há qualquer perigo de que apostate, toma-lo-ei para mim. **(Life of Heber C. Kimball,** por Orson F. Whitney.)

ANDANDO PELA FÉ

Deus controla nossa vida, guia e abençôa-nos, mas dá-nos também liberdade de ação. Podemos viver de acôrdo com o plano que traçou para nós ou reduzir e terminar estùpidamente esta existência.

Sou positivo na certeza de que o Senhor planejou nossos destinos. Podemos encurtar a vida, mas acho que não conseguiríamos estendê-la muito. Algum dia compreenderemos os motivos e então, quando olharmos para trás, ficaremos satisfeitos com muitos fatos desta vida que nos pareceram tão difíceis de entender.

Sabíamos antes de nascer que viríamos à terra para receber corpos e ganhar experiências e que teríamos alegrias e pesares, dores e confôrto, facilidades e vicissitudes, saúde e doença, sucesso e decepção, e sabíamos também que haveríamos de morrer. Aceitamos tôdas essas eventualidades prazerosamente, ansiosos por experimentar tanto o favorável como o desfavorável. Estávamos indubitàvelmente desejosos de possuir um corpo mortal, mesmo que fôsse deformado. Aceitamos de bom grado a oportunidade de vir à terra, fôsse por um dia, um ano ou um século. Talvez nem nos preocupássemos com o fato de morrer de doença, acidente ou senilidade. Queríamos vir e aceitar a vida como viesse e da forma com que a pudéssemos organizar e controlar, e isso sem murmurações, queixas e exigências descabidas. Às vêzes achamos que seria bom adivinhar o que nos aguarda no futuro, mas o raciocínio lógico traz de volta a aceitação da vida um dia por vez, para que o exaltemos e glorifiquemos.

Meus jovens irmãos e irmãs, a vida é boa quando a controlamos e temos auto-domínio. É uma grande oportunidade e um tremendo privilégio. Possa Deus abençoar-nos a ampliar nosso conhecimento e sabedoria, fé e obras, o que nos trará glória eterna. E isto eu rogo em nome de Jesus Cristo. Amém.



Antes e Depois

Florence S. Jacobsen

Presidente Geral da AMMM

Quem era Brigham Young antes de encontrar o profeta Joseph Smith? Era pai de duas menininhas, leitor da Bíblia, vidraceiro, pintor, marceneiro e carpinteiro laborioso, e membro nôvo da Igreja. Quando encontrou Joseph Smith, foi inspirado a tornar-se um grande missionário, colonizador, homem de negócios e líder religioso de seu século.

John Taylor era um pregador metodista pouco conhecido antes de encontrar o profeta, que inspirou-o a tornar-se um missionário inigualável, um grande editor e comerciante pioneiro. John Taylor também veio a ser presidente da Igreja.

Quem era Orson Pratt antes de conhecer o grande profeta? Um rapazola de dezenove anos com pouca instrução, que vagava sem lar há nove anos, aceitando qualquer emprêgo que aparecesse para ganhar seu pão. Depois do encontro, serviu em vinte e uma missões, cruzando o Atlântico dezesseis vêzes. Pregou, escreveu e converteu milhares de pessoas, editou jornais religiosos e científicos, ensinou matemática e filosofia, fundou escolas e edificou comunidades pioneiras.

Quem era Orson Hyde em novembro de 1831? Contava vinte e seis anos de idade e era empregado numa mercearia de cidade pequena. Foi inspirado e contagiado pelo profeta Joseph Smith e sua mensagem, tornando-se um grande missionário que, em 1841, sem dinheiro, credenciais ou auxílio político, conclamou os líderes judaicos do mundo e ofereceu uma oração no Monte das Oliveiras, em Jerusalém, dedicando a Palestina para a coligação dos judeus.

Êsses homens foram grandes na obra — nomes que a Igreja e o mundo conhecem. Para cada um dêles há milhares que não foram notáveis na Igreja e em obras cívicas ou mundanas, mas que de uma forma individual conquistaram a grandeza.

Quem era Carol Anderson antes de freqüentar a classe das Ceifeiras na AMM? Sua professôra era executiva no setor de publicidade de uma grande loja. A depressão americana de 1930 atingiu a família de Carrol com enorme impacto. Não havia dinheiro para estudar ou mesmo para o transporte até um colégio ou universidade. A professôra das Ceifeiras resolveu o problema dizendo: "Se limpar minha casa todos os sábados, ensinarei a você os fundamentos da publicidade e da propaganda."

Carol fêz o trabalho e a professôra cumpriu a promessa. Degrau por degrau, Carol galgou a escada da fama no ramo publicitário, desde preparadora até diretora de propaganda — tudo porque uma professôra das Ceifeiras atentou para ela.

Quem era o garôto Bill Andrus antes de conhecer seus líderes escoteiros? Bill era um menino de doze anos, tímido, introvertido, indiferente. O que está-se tornando êle, agora que pertence à AMM?

Quem era Sally James antes de conhecer sua professôra da classe das Meninas Moças? Era uma garôta de 14 anos agressiva, pouco amistosa, desajeitada e infeliz. Que está-se tornando Sally, agora que é da AMM?

Quem era Jane Crowley antes de freqüentar a AMM? Jane era uma garôta perdida num mundo de iniqüidade. As festas para as quais a convidavam eram sinônimo de imoralidade, bebedeira e uso de entorpecentes. Certo dia, num lugar distante do Canadá, essa garôta foi convidada para ir à AMM. Seu primeiro pensamento foi: "Conheço a imoralidade, a bebedeira, os entorpecentes, porém que mais sei?" Aceitou, pois, o convite. Naquela noite, à hora marcada, chegou pela mão de uma nova amiga ao jardim profusamente iluminado de um salão cultural SUD, para entrar numa nova vida.

Jane cantou o primeiro hino e pensou: "Foi cantado com tanta reverência e tanta doçura!" Curvou a cabeça enquanto a oração era feita e acrescentou algumas palavras de gratidão pela beleza daquele momento, em silêncio. E a congregação levantou-se e em tom convicto repetiu as palavras de 1 Néfi 3:7, do Livro de Mórmon: "Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar o caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas."

A reunião foi repleta de música alegre e danças graciosas. Muitos rapazes bons e decentes convidaram Jane para dançar. O ar era fresco e as luzes tinham um brilho cálido. Seus parceiros estavam corretamente vestidos e portavam-se com elegância e propriedade. "Não poderia acreditar que existisse um lugar assim em todo o mundo," disse ela.

A AMM foi o **debut** de Jane num mundo nôvo. Foi aí que seu testemunho teve início. Depois cresceu e aumentou. Após muitas noites na AMM, muitas reuniões com os missionários ao término do programa, muitas horas de oração e jejum, Jane foi batizada. E encontrou seu companheiro eterno na AMM. Casaram-se no templo. Hoje têm quatro lindos filhos que estão progredindo no plano do Evangelho.

Onde estaria Jane se não tivesse encontrado a AMM?

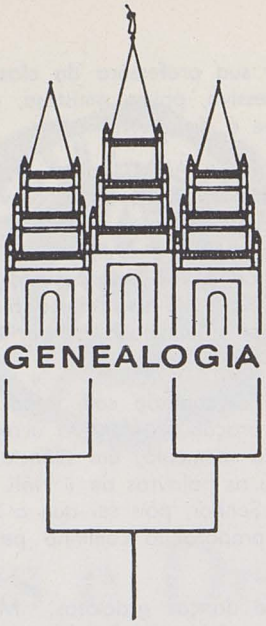
Que teria Joseph Smith para tocar assim os grandes homens da Igreja? Que tem a AMM para mudar a vida dos jovens nestes dias? A resposta é: "O Evangelho de Jesus Cristo." Êle é o alicerce da inspiração. Dá aos jovens energia, entusiasmo, certeza de que um Pai justo abençoará com sucesso a obra terrena que foram chamados a executar. A AMM muda as vidas para melhor.

Todo rapaz e tôda moça tem um potencial divino. O propósito da AMM é fazer com que cada um conheça o plano do Evangelho e tenha alegria e felicidade em vivê-lo, na preparação para o casamento eterno e criação dos filhos no amor de Deus, recebendo as alegrias e bênçãos reservadas para êles nesta vida.

Importante

"Peças teatrais longas e curtas, adequadas para representações familiares, estão sendo solicitadas pela AMM. Temas típicos das várias culturas e línguas serão aceitos desde que se enquadrem nos padrões SUD. Necessita-se com urgência de peças sôbre o "Centenário" (Centésimo Aniversário da Organização da AMM) escritas para elencos constituídos na maioria ou na totalidade por moças. Serão adquiridos os direitos de apresentação e de publicação. Envie suas peças datilografadas em espaço duplo, papel formato ofício, para o seguinte enderêço:

MIA Drama Committee
19 South State Street
Salt Lake City, Utah 84111
USA



Um Filho de Deus

Há nas Escrituras muitas passagens devotadas à apresentação de linhagens e ancestrais. Uma, em particular, mostra a descendência de Adão como filho de Deus. (Lucas 3:23-38.)

Já se analisou aqui a aplicação do gráfico de linhagem e como nos auxilia a determinar nossa ascendência. A Escritura acima referida faz o mesmo para nosso pai Adão. Temos hoje a incumbência de descobrir as famílias de nossos ancestrais e realizar por êles as ordenanças da Casa do Senhor, que lhes darão as mesmas oportunidades e privilégios agora desfrutados na Igreja de Deus.

O formulário elaborado com o transcorrer dos anos para auxiliar-nos a reunir os nomes de nossas famílias é denominado Fôlha de Registro de Grupo Familiar.

Êsse formulário foi idealizado em 1924 e com algumas variações é bàsicamente o mesmo que usamos ainda hoje. Foi empregado porque a família é a unidade de exaltação e a vida familiar é a vida de Deus. Com êle podemos verificar imediatamente se foi feito o trabalho para determinado membro da família e se foram realizados os selamentos que ligarão os esposos entre si e os filhos aos pais. A ordenança de selamento é a que reúne a família pelo tempo e por tôda a eternidade. Sem dúvida, na medida em que o trabalho se expandir e o Senhor nos abençoar com mais luz e conhecimento, quando estivermos preparados para isso, o registro de grupo familiar poderá ser mudado ou talvez até abandonado por completo, devido ao aparecimento de melhores meios de identificação das famílias como unidade. Devemos ter sempre em mente que o preenchimento do formulário não é o fim de tudo, mas um mero instrumento para se conferir as eternas bênçãos de nosso Pai dos Céus. O desejo dêle é promover a imortalidade e a vida eterna do homem (Moisés 1:39.), e poderá fazê-lo como bem lhe aprouver. O presidente Brigham Young afirmou que os sêres ressuscitados poderão trazer-nos uma lista de nomes de muitos de nossos ancestrais que não foram registrados e solicitar que a obra dos templos seja efetuada em seu benefício. **(Discourses of Brigham Young,** edição de 1961, pág. 409.) Vemos então que isto não será feito por meio de registro de grupo familiar pois a revelação terá precedência sôbre nossas compilações.

Se quisermos obter a plenitude da exaltação, três ordenanças são requeridas de nós pelo Senhor: (1) Batismo, (2) Endowment nos Templos e (3) Selamentos. Os selamentos compreendem a união de uma mulher a seu marido e dos filhos aos pais.

Um dos primeiros passos a serem dados no preenchimento dêsses registros de grupo familiar é a elaboração de uma fôlha para sua própria família, antes de mais nada. Na maioria dos casos não é difícil para um chefe de família registrar os nomes e fatos solicitados na fôlha, relativos a êle, sua espôsa e cada um dos filhos. Você notará que preenchendo êsse primeiro registro de grupo familiar a unidade principia a tomar novas dimensões. Quando a fôlha começar a parecer completa e correta, ficará evidente que você também deve ter um registro semelhante para seus pais, contendo seu nome e o de seus irmãos. O mesmo se aplica aos pais de sua espôsa ou marido, conforme fôr o caso. Assim, começamos a ver desdobrar-se diante de nós um registro que contém a unidade familiar completa de nossos ancestrais. A fôlha nos ajudará a registrar não apenas nossos avós, mas também seus filhos. Vê-se de imediato onde devemos concentrar esforços, a fim de que os registros sejam não sòmente exatos, mas também completos.

Seja cuidadoso ao preencher suas fôlhas de grupo

familiar. Assegure-se de que a informação que registra é correta. Procure fontes originais, sempre que possível. Não deixe de pôr em cheque as histórias familiares: isto é, analise-as até se sentir seguro de sua veracidade, antes de incluí-las em seu registro oficial.

Um elemento de grande utilidade é o quadro final intitulado "Fontes de Informação". Deve-se registrar ali de onde provém a informação para o registro. Isto será de valor inestimável para você em pesquisas futuras, pois saberá onde procurou e o que encontrou naquela busca em particular. Use o verso da fôlha quando não houver espaço suficiente na frente. Se, com o passar dos anos, voltasse a pesquisar fontes que já examinou, seria um desperdício de tempo e esfôrço. Portanto, é importante usar a parte destinada a "Fontes de Informação".

Para mostrar que faremos o que o Pai, através dos profetas, exigiu de nós, marquemos uma data para reunir as pessoas de casa numa "reunião familiar" e preenchamos nosso próprio registro. As crianças podem auxiliar fornecendo as datas de seus aniversários e locais de nascimento. Depois de completado, deixe que elas o examinem, para mostrar-lhes que são seus filhos e filhos de nosso Pai Celestial, da mesma forma que todos os filhos dos homens. Explique-lhes que é muito importante ser registrado na Igreja, para que, quando Deus se tornar Rei dos Reis e Senhor dos Senhores dêste mundo, tenhamos meio de provar que nós também somos seus filhos.

Na medida em que os registros dos grupos familiares aumentarem, defrontar-nos-emos com o problema de arquivá-los. Para guardar todos os registros de sua família, um dos modos mais fáceis é dispô-los em ordem alfabética pelo sobrenome do marido. E uma forma simples e direta para se encontrar qualquer fôlha em tempo mínimo. Há muitos outros sistemas, alguns já publicados, mas a Igreja não adota nem advoga o uso de nenhum dêles.

Atualmente, a fôlha de Registro de Grupo Familiar é a única que pode ser submetida à Sociedade Genalógica para o processamento da obra nos templos. Não porque outros registros não possam ser bons, mas para que se mantenha uma uniformidade nas fôlhas recebidas e examinadas pela Divisão de Registros da Sociedade. Isto com o tempo poderá também ser alterado, na medida em que surjam melhores métodos. Enquanto isso, usaremos a fôlha oficial para manter uniformes os registros. É evidente que se qualquer tipo de fôlha fôsse aceito, não haveria maneira de arquivá-los ou processá-los, devido às muitas variedades que poderiam ser recebidas. Nos registros mantidos em casa pode-se adotar qualquer formulário, contanto que seja legível e compreensível para os que algum dia talvez os tenham em mãos e precisem lê-los e interpretá-los.

Uma vez mais prestamos testemunho de que esta é a obra de Deus, nosso Pai Eterno. Êste trabalho é o mesmo que os profetas de antanho contemplaram em visão e ansiaram por ver realizado. Mas, como disse Paulo, o apóstolo: "Ora, todos êstes que obtiveram bom testemunho por sua fé, não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que êles sem nós não fôssem aperfeiçoados." (Hebreus 11:39-40.)

FÔLHA DE GRUPO FAMILIAR

Anote todos os dados dêste modo: Indique com um X antes do número qual filho é o antecessor do representante da família

DATAS: 14 Abr 1794
NOMES: ALMEIDA, Carlos
LUGARES: São Paulo, Brasil

ESPÔSO VILARES, Daniel
Nascimento 14 Ago 1900 Local Salvador, Bahia, Brzl.
Crisma Local
Matrimônio 19 Mar 1928 Local São Paulo, S.Pl., Brzl.
Morte Local
Sepultamento Local
Pai VILARES, Waldemar Mãe LEITE, Marilene
Outras Espôsas

ESPÔSA CAMARGO, Agnes
Nascimento 21 Fev 1906 Local Aracaju, Srgp, Brzl.
Crisma Local
Morte Local
Sepultamento Local
Pai CAMARGO, Roberto Mãe PEREIRA, Amélia
Outras Espôsas

Sexo M/F	FILHOS — Mencione cada filho (vivo ou morto) por ordem de nascimento. Sobrenome (maiúsculas) Nome(s)	NASCIMENTO Dia	Mês	Ano	LOCALIDADE Cidade	Estado	País	PRIMEIRAS NÚPCIAS Data e com Quem	FALECIMENTO Dia	Mês	Ano
1 X M	VILARES, João	6	Dez	1930	Aracaju	Srgp	Brzl	16 Mai 1956 PIRES, Maria José			
2 F	VILARES, Amélia	14	Mai	1933	"	"	"		14	Out	1936
3 F	VILARES, Roberta Ana	29	Dez	1936	São Paulo	S. Pl.	"	10 Dez 1960 ANDERSON, Luiza			
4 M	VILARES, Luiz José	8	Set	1939	Rio de Janeiro	D.Fdrl	"				
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

Fontes de Informação
Certidões de nascimento, casamento, Registros do Templo, Registros da Família de posse de João Vilares
Rua Henrique Monteiro, 450
São Paulo (SP) - Brasil

Outras Núpcias

Espôso VILARES, Daniel
Espôsa CAMARGO, Agnes
Revisores da Ala 1 2
Estaca ou Missão São Paulo

Nome e endereço da pessoa que submeteu esta fôlha
VILARES, João
Rua Henrique Monteiro, 450
São Paulo (SP) - Brasil

Representante da Família
VILARES, João
Parentesco entre o representante da família e o espôso FILHO
Parentesco entre o representante da família e a espôsa FILHO

INFORMES SÔBRE AS ORDENANÇAS NO TEMPLO

	Batismo (data)	Investidura (data)	Espôsa (data e templo) Selada ao espôso
Espôso	16 Out 1923	1 Mai 1929	1 Mai 1929
Espôsa	3 Abr 1917	1 Mai 1929	Filhos (data e templo) Selados aos pais
	26 Dez 1938	11 Mar 1954	NSC
	criança	criança	NSC
	19 Jan 1944	10 Dez 1960	NSC
	17 Out 1948		NSC

Explicações Necessárias
NSC = Nascido sob Convênio

Editorial

Thomas F. Jensen
Presidente da Missão Brasileira do Sul

A prova real de nossos testemunhos do Evangelho de Jesus Cristo é viver segundo os princípios prescritos pelo Mestre. Êle declarou, "Se me amais, guardai meus mandamentos."

Alguns dos mais proveitosos ensinamentos que recebi na vida não se prendem particularmente aos belos discursos que tenho ouvido, pois acho que mais cedo ou mais tarde eu esqueço a palavra falada. O verdadeiro ensinar e aprender provêm da aplicação do Evangelho em nossas vidas.

Vivendo os princípios do Evangelho, você pode contribuir mais para tornar o mundo um lugar melhor de se viver, do que por outro meio qualquer. Os atos que você praticar serão notados por alguém, as coisas que você fizer poderão inspirar os outros para o bem ou para o mal Ao examinar a própria vida, você provàvelmente se recordará de muita gente que o influenciou, levando-o a desejar fazer alguma coisa ou ser alguém.

Recentemente, ao conversar com uma pessoa bastante instruída, ela explicou a opinião de que Deus é tão bom e generoso que jamais iria punir os homens do mundo por seus pecados. Segundo esta crença, não importa o que fazemos durante a vida, seremos perdoados. Nada poderia estar mais longe da verdade, pois as Escrituras dizem claramente que seremos julgados segundo nossas obras.

Deus é o criador de todo bem; e podemos afirmar com segurança a quem devemos o mal. Alguns acreditam que os Dez Mandamentos estão ultrapassados, que "deixaram de ter utilidade". Sterling W. Sill em sua obra "Em Busca da Perfeição" cita conhecido ministro eclesiástico que afirmou serem os mandamentos "...negativos quanto à atitude, ditatoriais quanto ao espírito, dando ao povo a impressão que sua Igreja é um desmancha-prazeres."

O élder Sill cita ainda outro líder religioso que acha êsse tom severo do "Não" muito ríspido para nossas atuais suscetibilidades." A tendência da era moderna é mais uma vez esquecer a Deus e confiar no raciocínio e na inteligência limitada do homem mortal.

Não faz muito tempo a imprensa noticiou a fundação de uma nova igreja, chamada com tôda a propriedade, Primeira Igreja de Satanás. Sua profissão de fé opõe-se abertamente a todos os Dez Mandamentos e expressa revolta contra qualquer aspecto do autodomínio.

Satanás está operando bem à vontade. Um assassino confesso de oito pessoas havia mandado tatuar no braço "Nascido para pintar o diabo". Como é bem melhor a declaração de Josué quando diz, "Eu e a minha casa serviremos ao Senhor".

A história de José que foi vendido e levado para o Egito revela uma das maiores personalidades que o mundo jamais conheceu.

O Filho de Deus declarou, "Não se faça a minha vontade, e sim a Tua." O progresso e desenvolvimento virá a cada um de nós se aceitarmos honestamente em nossas vidas a verdade e a justiça. Os profetas e líderes de Deus aprenderam obedecer à sua vontade; e foram escolhidos por sua obediência, autodomínio e exemplo de virtude.

Da mesma forma o povo ou nação que respeita e apoia as leis e o govêrno, prosperará e será fortalecido, "contudo mesmo a sociedade mais forte fracassará a não ser que seja uma sociedade correta."

Se somos membros do reino de Deus aqui na terra, devemos defender as leis civís, respeitar os líderes devidamente autorizados e sermos bons cidadãos onde quer que vivamos.

Alguns dizem que não deveria haver mandamentos de Deus proibindo-nos de fazer certas coisas. Isto seria o mesmo que dizer que não necessitamos de leis de trânsito para manter a ordem e a segurança. Qualquer sociedade necessita de se apoiar em regulamentos. Na grande bandeira brasileira estão inscritas as palavras "Ordem e Progresso".

A casa de Deus é uma casa de ordem, pois sem ordem não poderá haver progresso. Sem progresso não haverá esperança para o amanhã. Mas existe esperança, como existem promessas para todos os que guardam os mandamentos do Evangelho.

"E a vida eterna é esta; que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3)

De acôrdo com descobertas recentes, a notável visão da árvore da vida encontrada no Livro de Mórmon foi evidentemente revelada a outros profetas que não os daquele livro. O autor relata a descoberta de uma sinagoga síria, em 1932, cujas paredes exibem murais representando a história de Israel, o sacramento e grande parte da visão da árvore da vida registrada em 1 Néfi.

A Partir de Cumorah

Novas Vozes do Pó

Hugh Nibley

Professor de História e Religião na Universidade Brigham Young

XXV - Novas de Dura Europos

Isaías transportado aos céus, enquanto jaz na cama do rei, recorda-nos a história de Lehi, "transportado em visão" em sua própria cama, especialmente porque essas visões são em parte idênticas. Lehi, como se lembrarão, "viu o céu aberto, e pensou ver Deus sentado em seu trono, rodeado de inúmeros anjos..." (1 Ne. 1:8.) Esta visão, como já observamos em outra parte, é tema-padrão nos "testamentos" apócrifos de diversos patriarcas e profetas.[59] Parece mesmo ter ocupado posição principal no antigo simbolismo judaico, gozando de uma proeminência que desapareceu por completo com o passar do tempo. Essa proeminência é atestada pelos murais da antiga sinagoga de Dura Europos, descoberta apenas cem anos após o surgimento do Livro de Mórmon.

"Antes da descoberta da sinagoga de Dura, em 1932," escreve o professor E. R. Goodenough, "qualquer um seria considerado louco se aventasse a hipótese de os judeus terem construído um tal lugar de adoração. Sua descoberta deixou-nos a todos meio malucos. E não conseguimos voltar à razão tentando adaptar **a priori** essa sinagoga às tradições literárias judaicas, que nunca, através dos séculos, sugeriram a existência de um tal edifício."[60]

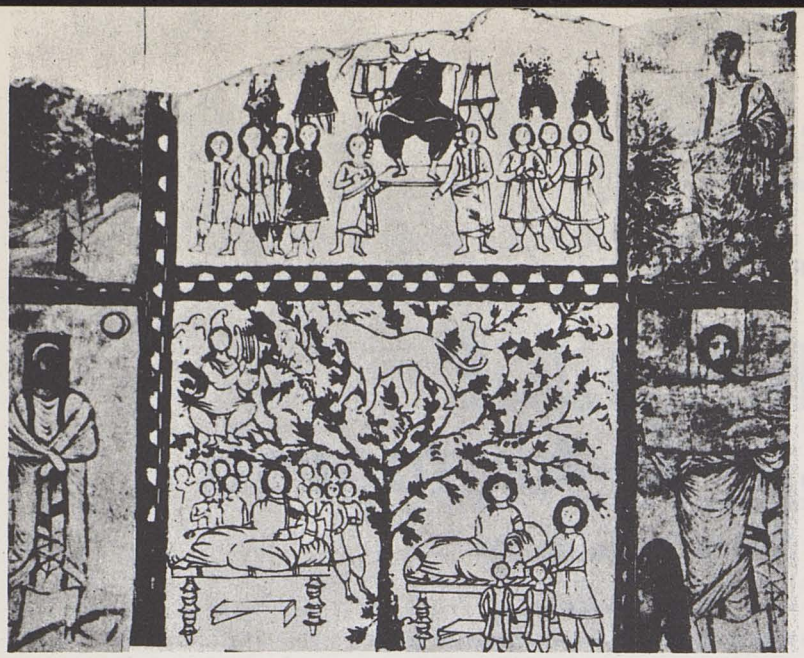
Temos aqui, então, algo de verdadeiramente nôvo e revolucionário surgido "depois de Cumorah", para mostrar-nos o que os primitivos judeus realmente pensavam a respeito das coisas — esplêndidos murais de uma sinagoga exibem coisas tão diferentes dos conceitos convencionais do antigo judaismo que chegam a parecer uma grande loucura aos eruditos. Nesses expressivos murais vemos coisas inesperadas, como o pão e o vinho da ceia Messiânica, que lembram o sacramento; a peregrinação de Israel no deserto, as águas da vida fluindo por doze veios milagrosos, cuja "vertente fica próxima" (1 Ne. 8:14) de cada uma das tendas tribais.

Mas a cena mais importante é a composição central que coroa o tabernáculo do Torá, centro do ritual da sinagoga. Diretamente acima do tabernáculo, como que brotando da própria Lei, fica uma esplêndida árvore, sob cujos ramos sinuosos e dispersos os filhos de Israel se postam ao redor do pai Jacó; enquanto isso abrigado pelos ramos do outro lado, José é representado conferindo sua bênção sôbre Efraim e Manassés. Fato notável a respeito dessa árvore da vida (pois ninguém deixa de reconhecê-la como tal) é que é a um tempo uma árvore e uma vinha. Aqui o professor Goodenough nos auxilia:

"Num clima em que semelhanças e não distinções, união e não dissociação, orientavam os pensamentos do homem... a árvore-vinha parece expressar a identificação da árvore com a vinha a tal ponto que a denominação árvore-vinha. Do tabernáculo do Torá... cresceu a árvore da vida e da salvação, que conduz ao trono celestial."[61]

Ora, com a devida reserva, a oliveira que representa Israel no simbolismo do Livro de Mórmon é também uma vinha; cresce na vinha, é plantada e cultivada "pelo senhor da vinha", pertence-lhe e está aos cuidados dos servos da vinha. Sugerimos no passado uma explicação possível para êste curioso fenômeno através da íntima relação da oliveira com a vinha nas terras do Mediterrâneo,[62] mas talvez se encontre aqui uma explicação melhor. Nada havia de inconsistente, pelo modo de pensar do homem nos dias de Lehi, em se empregar o mesmo objeto como árvore e como vinha e em fazê-la representar meia dúzia de coisas diversas ao mesmo tempo, sem nenhum senso de contradição ou confusão.

Encontramos na arte de Dura o mesmo tipo de relacionamento pouco convencional que existe no Livro de



Esta singular árvore - vide da vida, representando o amor de Deus, foi descoberta nas paredes de uma antiga sinagoga. Representa Jacó rodeado pelas tribos de Israel, José abençoando Efraim e o pagão Orfeu tocando para um leão e um cordeiro, ilustrando a harmonia em Israel em todo o mundo. No alto está Deus com as hostes celestiais. (Fotografia tomada de Jewish Symbols, v.2, p. 93, por E. R. Goodenough.)

Mórmon. Em Dura vemos no alto dos ramos da árvore a conhecida figura de Orfeu, sentado, tocando a lira para um leão e um cordeiro. A primitiva arte cristã apreciava a figura de Orfeu, uma das duas figuras pagãs admitidas livremente no simbolismo cristão; ao invés de tocar para todos os animais, como em geral é representado, o Orfeu cristão canta usualmente para um leão e um cordeiro, como na sinagoga de Dura — o que naturalmente sugere ter sido Isaías 14 que abriu caminho para a aceitação de Orfeu na comunidade cristã.[63]

Goodenough imagina que o Orfeu de Dura "seria provàvelmente denominado Davi", através de cuja "música celestial, salvadora, Israel poderia ser glorificada."[64] É certo que êle representa aí a harmonia de Israel em todo o mundo, bem como a harmonia da natureza; os animais postados à escuta demonstram isso. Nessa pintura, novamente de acôrdo com a opinião do professor Goodenough, "o artista procura mostrar a glorificação de Israel através da mística árvore-vinha, cujo poder pode **também** ser caracterizado como **o amor divino,** do qual o melhor símbolo seria a música purificadora de Orfeu.[64] O que Orfeu faz, então, é mostrar que a árvore representa o amor divino.

Voltemos novamente ao Livro de Mórmon: nêle a árvore-vinha dispersa é clara e freqüentemente mencionada como representação de Israel, mas tem também outros significados. Quando o anjo fêz uma pergunta a Néfi a respeito da árvore de sua visão "sabes tu o significado da árvore que teu pai viu?", êle "respondeu dizendo: Sim, é o amor de Deus que se derrama nos corações dos filhos dos homens; é, portanto, a coisa que mais se deve desejar." (1 Ne. 11:21-22.)

O que poderia melhor representar em época futura "o significado da árvore" como sendo aquêle amor universal pelo qual tôdas as criaturas anseiam, do que o acréscimo do clássica figura de Orfeu? Os judeus de Dura tornaram-se bastante receptivos a certas imagens-padrão gregas e persas, após séculos de exposição a elas. Isto é evidente também nas características iranianas da côrte celestial que aparece ao alto da árvore.

Acima "da árvore da vida e da salvação, que conduz ao trono celestial", está representado o próprio trono, numa cena na qual Deus aparece nos céus, à maneira persa, rodeado por suas hostes celestiais. Goodenough considera isso tanto surpreendente como fascinante: "O rei entronizado, circundado pelas tribos, nessa pintura, lembra-nos muito mais o Cristo entronizado com os santos, nos céus, . . . que qualquer outra figura da história da arte. Deixem-me repetir que antes da descoberta da sinagoga todos os exegetas, em sã consciência, teriam "naturalmente" afirmado que nenhuma pintura como essa poderia jamais ter sido empregada na decoração de uma sinagoga."[65] E êste é o ponto alto dos murais de Dura, como também era na visão de Lehi.

É interessante como essas visões se assemelham. O Livro de Mórmon também esclarece um pouco êsse problema quando relata que, após Lehi ter descrito sua visão à família, seu filho Néfi recebeu visão idêntica, apenas com mais esclarecimentos, incluindo coisas que Lehi passara por alto. Vamos então como a mesma visão, longe de ser reservada a um só homem, pode ser partilhada por outros, para que, através da pregação dos assim favorecidos, torne-se propriedade e tradição comum dos povos. (Moro. 7:29-32.)

(Continua)

NOTAS

59. Nós os mencionamos em *Vigilliae Christianae*, Vol. 20 (1966) pág. 12.
60. E. R. Goodenough, *Jewish Symbols in the Grecco-Roman Period* (New York: Pantheon, 1964), Vol. 10, Pt. 2, pág. 197.
61. *Ibid.*, pág. 200. Reproduções de todos os murais podem ser encontradas no Vol. 11 da série.
62. *The Improvement Era*, Vol. 68 (Outubro de 1965), pág. 876.
63. Vide discussão e reproduções no artigo de H. Leclercq sôbre Orfeu, no *Dictionnaire d archaeologie et de Liturgie chretiennes*, Vol. 12, págs. 2736 segs., Cabrol & Leclercq.
64. Goodenough, op cit., pág. 201.
65. Loc. cit.



A equipe apresentadora do "Frevo", foi aplaudidíssima no Concurso de Dança.



Cena de "Apenas", peça vencedora do Concurso de Teatro

Um Sucesso o Congresso da Juventude da Missão Brasileira do Sul

Com um grande baile e entrega de troféus, encerrou-se dia 27 de fevereiro passado, no Centro Distrital de Pôrto Alegre, com grande sucesso, mais um Congresso de Jovens santos dos últimos dias.

O Congresso teve início dia 24 de fevereiro, com um almôço no qual os 147 jovens participantes, provenientes de tôda a Missão Brasileira do Sul, tiveram oportunidade de serem apresentados entre si. A tarde houve um programa especial seguido de jantar de confraternização. Às 20:00 horas, o Pres. Thomas F. Jensen da Missão Brasileira do Sul, dando abertura oficial ao Congresso, pronunciou-se em discurso, saudando os participantes e exaltando os nobres propósitos de congregá-los em circunstâncias tão especiais. Salientou-lhes a importância de prepararem-se para o futuro, esforçando-se em obter instrução superior, habilitando-se assim a melhores condições de vida material; exortou-os ao cultivo do sincero desejo de virem a cumprir missão, ajudando a edificar sôbre a terra o Reino de Deus, atividade que lhes proporcionaria a base necessária à solidez da formação religiosa da sua futura família; finalmente, incentivou-os a buscarem a pessoa eleita dos seus sonhos com quem construir um lar capaz de nutrir uma vida familiar feliz.

O tema do congresso colocou em relêvo a importância e a profundidade de um pensamento do Pres. David O. McKay: "O futuro é seu para ser arruinado ou edificado como você bem entender." A atividade prática veio mostrar o caminho seguro para a edificação de um futuro tranquilo.

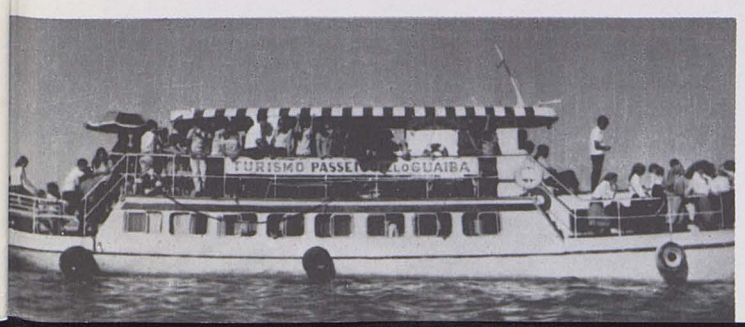
No Domingo, dia 25, as atividades tiveram início cedo, com importantes palestras sôbre a vida prática dos jovens, colocando em destaque o princípio de castidade, basilar à edificação de um lar abençoado e nobre. À tarde, realizou-se um disputado Concurso de Oratória, tendo obtido a vitória a irmã Vera Regina Viegas, do Distrito de Pelotas. O Programa Especial de Perguntas e Respostas que se seguiu impressionou de modo especial os jovens. Sem deixar esfriar o ânimo reinante, as atividades tiveram seqüência com a realização do Concurso de Conhecimentos do Evangelho, despertando grande interêsse na Juventude as perguntas e respostas formuladas sôbre "Doutrina e Convênios." A vitória coube a Flôrzi Evangelista de Almeida, do Distrito de Curitiba. O dia encerrou-se com uma reunião sacramental especial.

A segunda-feira foi inteiramente dedicada às competições esportivas, sucedendo-se várias rodadas de futebol de salão, voleibol e pingue-pongue. Realizaram-se também torneios de xadrêz, dama e trilha. Os vencedores foram, respectivamente, a equipe londrinense, a equipe portalegrense, o irmão Jonas de Castro Deus Filho, do Distrito de Curitiba, e José Roberto de Morais, do Distrito de Pôrto Alegre.

A terça-feira foi um movimentado suceder de atividades variadas. Pela manhã realizaram-se concursos de danças e música, merecendo especial destaque a atuação da equipe curitibana que apresentou o aplaudido número de "Frevo" e um originalíssimo número musical executado em garrafas por um conjunto de doze jovens.

Após o almôço, realizou-se o Concurso de Teatro novamente salientando-se a participação curitibana, vencendo a peça "Apenas", de Josélia Tchalski. A jornada teve prosseguimento com uma reunião de testemunhos, a qual constituiu o ponto alto dos quatro dias de duração do Congresso. 52 jovens expressaram seus testemunhos quanto à veracidade do Evangelho Restaurado. Afinal, após o jantar e o encerramento das atividades esportivas com a entrega dos troféus aos vencedores, a juventude em congresso foi recebida num salão belamente decorado para o seu Baile de Encerramento, colocando assim um fêcho de ouro no certame, legando as participantes caras emoções e momentos inesquecíveis de espiritualidade, diversão, instrução, companheirismo e fraternidade.

A "turma" lotou a lancha num divertido passeio pelo Guaíba



Mórmons bebendo? Claro que não! É um conjunto musical cujos instrumentos são garrafas.



Calor Interno

Élder Sterling W. Sill
Assistente do Conselho dos Doze

Ao sair de casa, um dêsses dias, tropecei numa noz e levei-a comigo para o trabalho. Tenho-a agora na mão e a contemplo como um símbolo da vida. Esta noz tem uma casca resistente. Se fôsse possível examinar seu interior, descobrir-se-ia um grande amaranhado de películas de refôrço. E, nesses labirintos internos, uma substância dotada de poder gigantesco. Se você plantar esta semente no solo, em condições propícias, o calor desenvolver-se-á no interior. Pode-se acender uma tocha fora da noz sem obter resultado algum mas, quando o calor se desenvolve dentro de uma pessoa ou de uma noz, coisas importantes principiam a acontecer.

No caso da noz, surge um grande poder, que rompe essa casca resistente como se fôra papel, e um pequeno brôto é enviado para o alto em sua importante missão de buscar o sol. A noz traz em si a capacidade de retirar dos elementos da água, do solo e do ar todos os ingredientes necessários para se tornar uma grande nogueira, com madeira e folhagem, botões, fragrância e frutos, multiplicando aos milhões o investimento original.

Mas Deus não colocou seus melhores dons numa noz. Tôda a alma humana foi criada à sua imagem e cada ser foi dotado de uma série de potencialidades e atributos de divindade. A maior idéia que conheço no mundo é a de que todos os que vivem os princípios do Evangelho de Jesus Cristo receberão um poder muito mais extraordinário pelo qual serão capacitados a retirar de seu ambiente os elementos necessários para tornarem-se como o próprio Deus. Que Êle abençôe nossos esforços nesse sentido eu rogo humildemente, em nome de Jesus Cristo. Amém.

10 DEC 1968